

NÃO

PISE

NO

MEU

VAZIO

ANA SUY SESARINO KUSS


PATUÁ
EDITORA

NÃO

PISE

NO

MEU

VAZIO

ANA SUY SESARINO KUSS



Copyright © Editora Patuá, 2017.

Não pise no meu vazio © Ana Suy Sesarino Kuss, 2017.

Editor

Eduardo Lacerda

Ilustração, Projeto gráfico e Diagramação

Leonardo Mathias | flickr.com/leonardomathias

Assistente Editorial

Ricardo Escudeiro

Conversão para ePub

Cumbuca Studio

K97n

Kuss, Ana Suy Sesarino.

Não pise no meu vazio. / Ana Suy Sesarino kuss

São Paulo: Patuá, 2017.

ISBN 978-85-8297-492-6

1. Crônica brasileira I. Título.

CDD – B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônica brasileira I. Título. B869.8

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Patuá

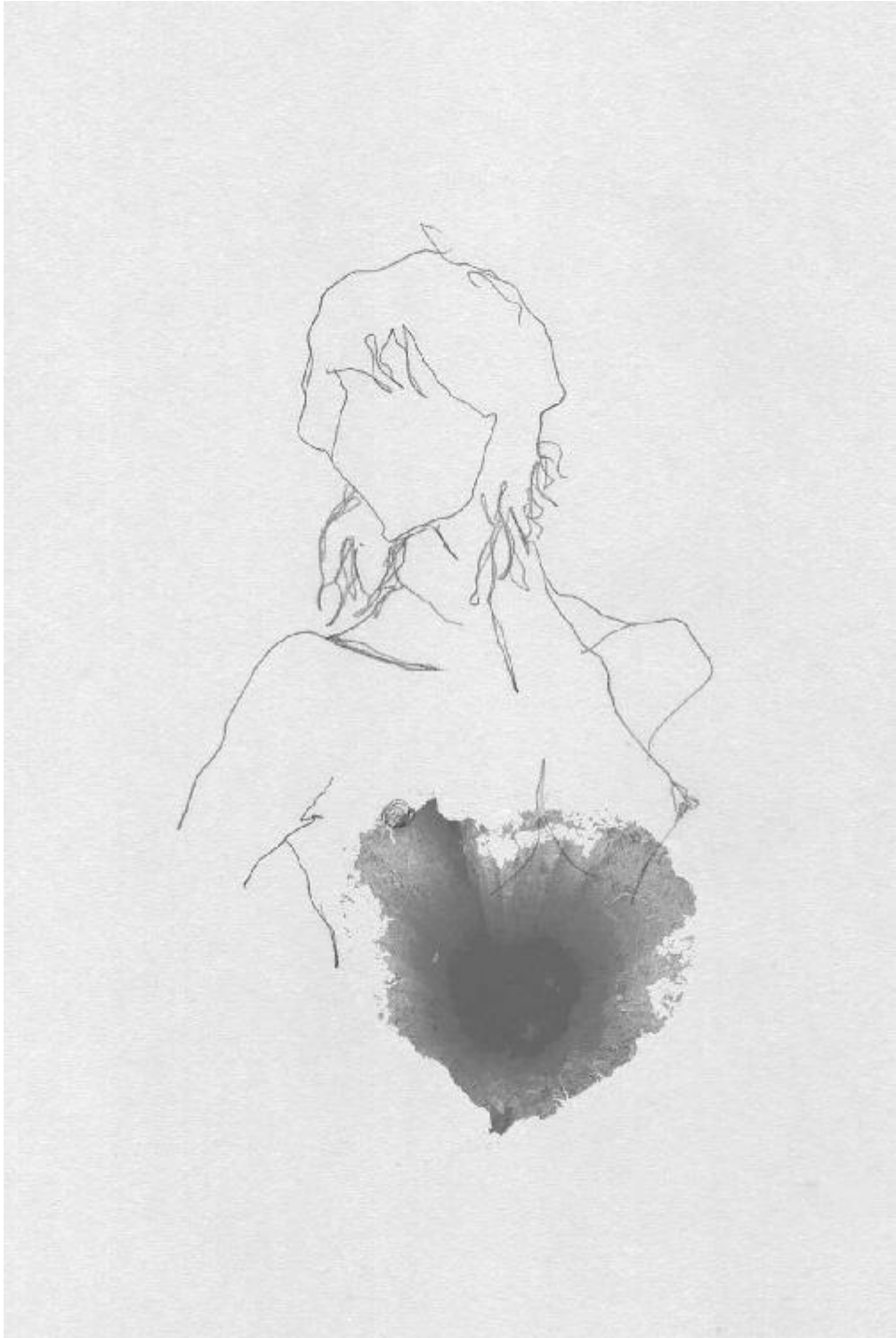
Rua Luís Murat, 40

CEP 05436-050 São Paulo – SP Brasil

Tel.: (11) 96548-0190

www.editorapatua.com.br

editorapatua@gmail.com



SUMÁRIO

sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

SUMÁRIO

PREFÁCIO

1) DO QUE PREENCHE

1.1) BURACOS

1.2) CAÍ

1.3) SILÊNCIO

1.4) O AMOR QUE NÃO AMA

1.5) DENTRO DE MIM ESTOU EM TI

1.6) CÓCEGAS

1.7) DEDO MINDINHO

1.8) DIVIDINDO O MEU CORPO

1.9) QUERO TE VOMITAR

1.10) JOGO DE FRAQUEZAS

1.11) ME BEIJE A BOCA DO ESTÔMAGO

1.12) PERGUNTAS

1.13) SONHO COMPARTILHADO

- 1.14) TRINTA E QUATRO
- 1.15) SORVETE DE BAUNILHA
- 1.16) STALKER
- 1.17) QUANDO ELE DORME
- 1.18) NAVALHA
- 1.19) NECESSIDADEZINHAS
- 1.20) QUANDO VOCÊ NÃO ME QUER
- 1.21) DAS URGÊNCIAS
- 1.22) MINHA MÃE
- 1.23) CORPALAVRA
- 1.24) DA FALTA QUE EXCEDE

2) DO QUE Esvazia

- 2.1) PRIMEIRA VISTA
- 2.2) PORRE DE VOCÊ
- 2.3) EU E A OUTRA
- 2.4) NINA
- 2.5) SONETO DE INFIDELIDADE
- 2.6) SE QUISER
- 2.7) PEDAÇOS DE MIM
- 2.8) JÁ NÃO NOS SOMOS.
- 2.9) PORTA DO BANHEIRO
- 2.10) QUARENTA E TANTO.
- 2.11) ME DEIXA

2.12) VAZIO DE VAZIOS

2.13) DESINVENÇÃO

2.14) DO QUE CONECTA

2.15) AUTOFAGIA

2.16) ESPELHOS

2.17) DOSE DE MALDADE

2.18) O VAZIO DO SOL

2.19) COMO SABER?

2.20) ESQUECER

2.21) NÃO PISE NO MEU VAZIO

2.22) PROMETO NÃO TE PREENCHER

2.23) CONFISSÕES SOBRE UMA TENTATIVA DE ESCREVER

3) DO QUE PREENCHE E Esvazia ao mesmo tempo

3.1) CARO AMOR DA MINHA VIDA

3.2) ONDE ACONTECE O AMOR?

3.3) A CHUVA

3.4) SOFIA

3.5) DISFARCE

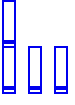
3.6) MAS NÃO MUITO

3.7) ENSAIO SOBRE UM MANUAL DE INSTRUÇÕES

3.8) ALFABETO FEMININO

3.9) PALIATIVO

POSFÁCIO



PREFÁCIO

O que preenche, o que esvazia,
o que preenche e esvazia ao mesmo tempo.

Este é um livro escrito por gente. Gente de verdade. Gente incompleta, que se descompleta a todo instante no contato com o outro. Gente que frequenta o feminino e tem intimidade com o real. É um livro sobre excessos, sobre faltas, sobre o vaivém da vida, sobre o amor, o ódio e a dor. Poesias escritas por uma mulher que não foge à luta ao se deparar com a vida diariamente, a cada amor: da mãe a cada homem que se segue ao primeiro amor, amor inaugural. É um livro que acolhe o vazio com carinho, como condição necessária e fundamental da existência. É um livro de gente atravessada pelo discurso psicanalítico.

O corpo escreve e faz da linguagem uma forma de existir no mundo. Para nós, psicanalistas, o vazio é aquilo que dá lugar ao desejo quando o sujeito passa a desejar ser desejado por outro sujeito (isto é, por outro vazio). Em lado avesso ao dos animais, que encontram objetos naturais para preencherem seus vazios também naturais – como fome, sede e sexo -, o ser humano não encontra nenhum objeto para preencher seu vazio já que este não é natural, ele é fruto da linguagem. A partir disso, o homem passa a desejar

um objeto não natural que preencha seu vazio não natural. O único objeto não natural encontrado é o desejo, que brota de outro vazio não natural. O sujeito surge a partir da linguagem, é o resto da operação do recalque primário que possibilita o acesso à simbolização. O sujeito é o vazio onde irá deslizar a cadeia de significantes e que remete ao real do gozo da pulsão.

Assim, o preço pago ao preencher o vazio é a cessação do desejo, e a irrupção consequente da angústia. A luta humana é constante para manter o vazio que lhe possibilite desejar, continuar vivendo. Apesar da dor, com as delícias do amor.

As poesias de Ana Suy nos fazem caminhar pelas avenidas, ruas, becos, ladeiras abaixo e acima, da infinidade de afetos que atravessam a cidadela da alma humana e, em especial, a feminina. Não se pode viver sem o vazio, mas tenta-se preencher o vazio com inúmeros objetos do mundo, pois, em sua indagação: “Há algo pior do que estar vazio de vazios?”

A sua maneira de contornar o vazio é pela escrita, não com a finalidade terapêutica, embora ela se dê, mas para sentir a vida e ter sobre ela um relativo controle da medida do enche-esvazia do vazio, atirando-se no penhasco da vida com palavras para se manter viva. Vivendo e dividindo conosco, seus leitores, a sua dor de existir. Com amor.

Rio de Janeiro, outubro de 2017

Rita Manso

Psicanalista. Professora Associada do Programa de Pós -graduação em Psicanálise da UERJ. Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da UNIRIO.

1) DO QUE PREENCHE

1.1) BURACOS

Era uma menina cheia de buracos tampados. A mãe enfiava a linha na agulha e fazia um nó na ponta. Enfiava a agulha numa narina e tirava pela outra, enfiava a agulha na ponta da língua e depois no olho direito dela. Então passava a agulha pelo olho esquerdo e o ligava ao lábio superior. Aí pensava que a menina sentia dor, coitadinha, e era assaltada por um desejo irresistível de se conectar com a criança para sentir a dor dela. Já se sabia conectada pela alma, mas a alma ela não podia ver, então ligava o ponto do lábio inferior da menina ao seu próprio lábio superior, e costurava buraco por buraco seu aos buracos por buracos dela. E assim ela renovava o cordão umbilical que um dia as uniu. E assim elas não tinham buracos que não fossem possíveis de serem tampados.

1.2) CAÍ

Sou tão você que me confundo comigo.

Meu corpo não tem fronteiras e só quer sentir com o seu corpo.

O toque se faz insuficiente, quero me fundir a você, quero que meu corpo coincida com o seu para que eu possa descansar a minha existência.

Silêncio..., está ouvindo? É a minha intuição me dando bronca.

Minha intuição manda que eu me cale. Ela disse que já estamos fundidos. Aliás, você não. Eu estou fodida.

Foi naquele dia, há anos, eu sei exatamente quando. Eu estava ali com você, te olhando, você evitava meu olhar como quem sabe o risco que corre. Eu disfarçava a minha ânsia de decorar a diferença entre cada poro da sua pele, mas de repente seu olhar manteve-se no meu por mais do que um instante e eu senti um frio na barriga. Não foi um frio na barriga dessas borboletas que o povo diz que sente no estômago. Foi um frio na barriga do tipo que eu sentiria se eu saltasse de paraquedas, foi um frio na barriga do tipo neve no estômago. Um frio na barriga que é absolutamente físico.

Então, foi naquele dia. Soube disso quando eu me lembrei do seu olhar me olhando por mais do que um instante, do seu olhar me

agredindo, do seu olhar me convidando sem você saber, e eu caí pra dentro de você! O frio na barriga foi o que eu senti quando minha alma foi sugada pra dentro do seu corpo pelo seu olhar.

E eis que agora tem só um pouquinho de alma minha no meu corpo. Mas dentro de você tem um pedaço guloso da minha alma.

Ah, vai me dizer que você nunca percebeu? Basta prestar atenção no sangue que corre pelo seu peito, que desce para a sua barriga, sinta o seu sangue borbulhando... Você não borbulhava antes de mim, só corria.

Sei que você não acredita em mim, que é racional demais para acreditar que parte minha vive embaixo da sua pele, que se defende das verdades que lhe digo achando que estou falando por metáforas. Mas sei também que você, tal como eu, tem medo. Sei que, no fundo, você treme de medo de que eu sugue a sua alma. Mas dessa vez foi você que sugou a minha.

1.3) SILÊNCIO

Quando me encaixo no silêncio que mora em mim sou tomada por uma vontade de não mais me mexer. Articulo palavras mudas que caem do lado de dentro de mim direto num abismo do qual retornam pequenas satisfações que me fazem produzir mais palavras mudas. Se eu torço pra palavra escorregar pela minha língua e cair no seu ouvido, torço à toa ou torço pouco. De novo a palavra desliza pro meu abismo e só sei disso porque a cada palavra caída uma pequena marca de uma satisfação esquisita se crava em mim. Não consigo sair desse estado sozinha. Às vezes dura alguns segundos, às vezes algumas semanas. É como um transe, que não deixa nenhuma marca e por isso me faz duvidar de que realmente aconteceu. Só saio disso quando alguém deixa a realidade tão intolerável que sou agressivamente convocada a interagir com ela. E aí tenho que me responsabilizar pelo tempo em que estive ausente de mim, o que me desgasta demasiadamente. É tão quentinho o laço que faço comigo, do qual ninguém mais participa... Mas me sou tão insuficiente.... Ao sair do meu estado pseudo-hipnótico não desejo mais retornar a ele. Mas se a realidade se estabiliza, lá estou eu de novo. **Há algo de extremamente sedutor no silêncio.** Talvez seja simplesmente a ausência de qualquer coisa. Tal como uma folha em branco contém em si todos os desenhos do mundo, tal como um pedaço de barro contém em si todas as

esculturas do mundo, o silêncio carrega consigo todas as palavras do mundo. O silêncio é infinito, o dizer é tão limitado... Digo silêncios para dizer coisas opostas ao mesmo tempo sem me contradizer. Quando digo palavras minhas ambiguidades ficam escancaradas. Preciso me proteger de mim.

1.4) O AMOR QUE NÃO AMA

Você ficou tão perfeito desde que foi embora... O tiquetaquear do relógio só sabe passar photoshop na nossa relação e cada vez mais eu me lembro menos do quão mais ou menos era estar ao seu lado. Fico embelezando a sua imagem e me enxergando como um verme. Me sinto culpada por coisas que não fiz, por coisas que desejei, por coisas que desejei desejar, por coisas que deixei a desejar, por coisas que te deixei desejar. Tenho confundido amor com culpa, mas sempre confundo amor com tudo: amor com comida, amor com neurose, amor com bebida, amor com sexo, amor com vontade de amar. Acho que tudo é amor, quando na verdade desconfio mesmo é de que não sei o que é amor. Você repete o clichê dizendo que o problema não é comigo, mas com você, e eu bem sei que isso é verdade, embora isso não sirva para eu me sentir melhor. Não queria que você me achasse linda demais, delicada demais, inteligente demais, autossuficiente demais ou sei lá o que demais, eu queria só que você me quisesse ao seu lado. Você poderia me odiar, desde que me quisesse por perto. Suportar o seu ódio seria fácil diante da dor que tem sido suportar o seu amor que não sabe amar. Eu sei que você me ama e que por isso não suporta a minha presença. Amar é perder o controle e você adora a ilusão de que o mundo gira em torno do seu umbigo. Eu giraria em torno do seu umbigo, se você quisesse. Sou idiotinha o suficiente pra me

contentar com migalhas. Eu aceitaria ser o verme da sua barriga, se você deixasse. Ainda bem que você não deixa.

1.5) DENTRO DE MIM ESTOU EM TI

O dia está disfarçado de noite. Você aniquilou a minha existência. Seus olhos pareciam ingênuos, mas eram abismos disfarçados de vagalumes sorridentes. Eu caí pra dentro do seu olhar. Despenquei, tal como a Alice e seu nonsense no país das maravilhas. Frio na barriga e tudo. Desde então, não sei mais me diferenciar de mim, quero dizer, de nós, quero dizer, de você. Eu mais você não somos um, meu cérebro sabe disso, mas a minha pele finge não saber. Me misturo a você toda vez que te toco, caio pra dentro de ti a cada vez que me olha. Sem saber, você sabe disso. Tenho percebido que você já evita olhar nos meus olhos, cê bem sabe o risco que corre. Eu sei, você tem medo de que eu aniquile a sua existência, assim como fiz com a minha. Eu também estaria amedrontada em seu lugar, mas não estou, apesar de estar. Então acho bom adverti-lo: aniquilo-te ou aniquilo-me. Não sei amar de forma saudável, só sei engolir a sua existência ou te fazer vomitar a minha. Não conheço amor com cheiro de lavanda, só com cheiro de gente. Pele, suor, mucosa. Amor é um treco sujo e quase fedorento. Mas é claro, a gente inventa, enfeita com eufemismos, desinfeta, passa álcool gel e filtros, a gente faz o que pode pra disfarçar a nossa podridão dos olhares alheios reflexo do nosso próprio olhar. O dia está cinza ou foi você que me ignorou? O céu está azul ou foi você que sorriu pra mim? Quem nunca confundiu o lado de dentro com o lado de fora de

si, não sabe o que é intensidade. Não me aguento mais em você,
preciso me afastar. Suma daqui! Mas me leve com você...

1.6) CÓCEGAS

Sinto apenas cócegas por você. E aí digo que é amor. Cócegas são pequenas angústias. Ou grandes angústias, dependendo da intensidade. Cócegas são a denúncia de que não controlo o meu corpo, de que não controlo os meus movimentos, de que não controlo as minhas sensações.

O amor são apenas cócegas na alma. Por mais que eu saiba que você vai me tocar com uma intensidade que oscila entre leve e agressiva, acima do meu ossinho da bacia, morro de agoniazinhas. Grito como se não acreditasse que sou dona de mim. Faço escândalo como se eu não fosse preocupada com a imagem que passo para as pessoas ao meu redor. Te arranho como se eu não me importasse com o susto que te causo.

E acho que a minha parte que mais se aproxima de mim, é assim mesmo. Machuca, desdenha, escandaliza. A minha parte que mais se aproxima de mim me assusta.

Aí eu me visto em várias camadas, tal como uma cebola.

Me visto de palavras, sapatos, roupas minimamente da moda e de ideias politicamente corretas sobre a minha pessoa. E então acho que sou uma pessoa relativamente normal, relativamente

equilibrada, relativamente educada, relativamente bem-adaptada, relativa-mente. Ah, como sou mentirosa!

No fundo sei que sou um poço de loucura, lutando avidamente para me disfarçar sem morrer. Porque se deixo de ser louca, deixo de me ser, e então morro. E se enlouqueço sem amarras, morro ainda assim.

A loucura mata, mas a normalidade mata ainda mais. Prefiro morrer de morte vivida do que morrer de morte morrida. Prefiro morrer de cócegas a morrer de uma angústia sem nome.

Ao menos nas cócegas, há alguém me tocando. (A angústia é a pura solidão)

Vocês sabem, é impossível que façamos cócegas em nós mesmos. As cócegas são a encarnação da falência dos livros de autoajuda. Tem coisas que simplesmente não se pode fazer sozinho. É impossível ser feliz sozinho. E se você for uma mulher, talvez seja ainda mais impossível.

Eu te cócegas, meu amor.

1.7) DEDO MINDINHO

Tem algumas coisas que não param de acontecer nela, como se ela jamais pudesse entender algo. Ela está eternamente numa quarta-feira de 2003 ou numa primavera de 1989 ou numa data cabalística de 1906. Ela pensou isso, enquanto esbarrava seu dedo mindinho do pé direito no pé da mesa da sala de jantar, e na tentativa de espantar a dor, enquanto cuspiam deliciosamente um palavrão, pensava que há também partes de seu corpo que ela nunca incorpora. Seu dedo mindinho, por exemplo, sempre lhe parece um corpo estranho, que ela reconhece como sendo seu apenas pela dor. Se não dói, ela olha aquele dedo feio de unha dupla e não pode acolhê-lo, ele lhe é um corpo estranho. Assim como lhes são alguns dias, afetos, amores ou acontecimentos. Parece que aconteceu há tanto tempo que não era ela, ela sente certos acontecimentos como se tivessem sido em outra vida. Ela se sentia muito menor do que era, talvez por isso toda vez que se via no espelho achava que havia corpo demais ali. A ideia que ela fazia de quem era não correspondia à imagem refletida. “Quando me vejo refletida ali, vejo que há um excesso de corpo, há muita coisa sobrando em mim”. E assim se permitia ser atropelada por coisas da moda, como sucos detox e teorias do desapego. Tentativas de eliminar excessos de si. “Não é que eu me ache gorda, eu até me acho, mas o problema não é ser gorda, é existir demais. Eu queria existir menos, eu sinto muito

e queria sentir menos”. Assim ela disse ao psiquiatra, que recomendou um remédio para diminuir a ansiedade. Assim ela disse pra moça do shake diet, que aproveitou da situação pra lhe vender todo um kit para o verão. Assim ela disse para o homem que a amava, que não podendo suportar a dor dela, não conseguiu prestar muita atenção. Assim ela escreveu num papel, que guardou seu segredo. E assim a moça continua vivendo com seus excessos, tentando incorporar pedaços de si, às vezes maltratando a si mesma como se fosse sua própria inimiga, às vezes sofrendo de Alzheimer de partes suas. Ora as reconhecia, acolhia e até mesmo amava, pra em seguida não ter a menor ideia do que elas faziam ali nela.

1.8) DIVIDINDO O MEU CORPO

Eu achei que o amor ia passar, que depois de um tempo eu seria insensível a você. Por vezes te olho e você não me diz nada, é só uma pessoa nesse mundo. Não te amo o tempo todo. De vez em quando, acontece ainda de eu te odiar (em silêncio, porque procuro te poupar da minha gangorra existencial). Aliás, muitas vezes eu te amo como nunca nenhuma mulher aguentou amar nesse mundo, e você nem tem notícias disso. Me arrebento de amor e de ódio por você, e você nem sabe. É que eu sei que se você me conhecesse mesmo, eu te seria insuportável. Forjo um certo equilíbrio nas minhas palavras, e eu sei que muitas vezes você acredita nelas. Forjo tão bem, que por vezes eu mesma acredito. Teve um dia dessa semana que eu me peguei insone. Não podia dormir porque o toque da sua pele na minha berrava nos meus ouvidos de um jeito irritante. Não sou dona de mim, é verdade, mas quando você me toca, eu desisto de me ser. E depois de duas décadas juntos você ainda tira o meu sono. Você tem noção do quão ridículo é isso? Me sinto encabulada de escrever algo assim, mas o faço porque me reconheço no seu olhar que, ao ler meus pedaços de verdade cuspidos em bilhetes que volta e meia deixo espalhados pela casa, balança a cabeça, me chama de louca e diz que não entende. Que bom que você não me entende, eu não suportaria dividir a minha vida e o meu corpo com alguém que me entendesse. É, amar é

dividir o corpo com alguém. Enfim, meu amor por ti já passou e todos os dias sou visitada por um novo amor. As variações do amor parecem ser infinitas. Cada “te amo” fala de um amor que é único. Eu nunca repeti um “te amo”. Sabe o “te amo” que eu te disse da última vez? Não existe mais.

1.9) QUERO TE VOMITAR

E de tanto te amar, e de tanto te engolir, e de tanto querer fazer nós dois virarmos um, e de tanto te desejar tatuado na minha pele, e de tanto querer sentir o gosto da comida com a sua língua, e de tanto querer enxergar o mundo através do mel dos seus olhos, e de tanto querer, quero te vomitar. Me fundo a você demasiadamente. Quero a minha essência de volta. Essa mesma, a que eu nunca tive. Não quero mais me confundir com você. Não quero ficar em dúvida se sou eu que penso ou se é você que pensaria. Cansei de achar que quero uma coisa, mas não saber se quero de forma autêntica, ou se é só pra ser desejada por você. Camaleoo-me por você, independente da minha vontade. Gosto do que você gostaria que eu gostasse assim, sem fazer tipo, verdadeiramente. É como a funcionária honesta e entediada, que odiando o seu trabalho, não pode faltar ao mesmo, e então empresta o seu corpo à doença. Assim sou eu, que pra ser objeto do seu desejo e do seu amor, me torno aquilo que você gostaria que eu fosse. Torno-me desde sempre aquilo que você queria. E ainda assim não é o suficiente. Nunca é. Porque sou aquilo que você queria de um modo desajeitado, e não de forma sexy. Só sei existir torta, e essa é a minha única essência. Porque sempre resta um pontinho de mim pra entortar aquilo em que eu me transmuto. Quero que esse pontinho tome-me toda. Mas ele é mirrado, desnutrido, fracassa

toda vez, só sabe ser torto. Saia daqui de dentro de mim, pontinho.
Meu corpo precisa existir em si mesmo. Meu ser quer des-ser.
Quero te vomitar.

1.10) JOGO DE FRAQUEZAS

Para algumas pessoas, escrever é terapêutico, é um modo de extravasar em letras aquilo que se sente. Eu escrevo para sentir. Tenho uma tendência a morrer que me mata. E quando escrevo me sinto viva. Não enquanto escrevo, mas depois que escrevo. É como se eu cutucasse uma ferida em mim, como se eu ligasse algum botão que acende a vida. É que viver dói em mim. Escrevo por masoquismo e não por terapia. Quando não escrevo me sinto meio zumbi, quer dizer, não me sinto, e por isso estou zumbi. Escrevendo, viver dói. É como aquela sensação do dia seguinte ao começo da academia em que por via da dor, a gente descobre partes nossas, que sequer sabíamos que existia. Escrever é a minha musculação da alma. Quando escrevo descubro partes minhas – pela dor que eu não sabia que existiam. Confundo dor com vida. Tudo aquilo que sinto pela primeira vez, chamo de dor. Mas nem tudo é dor. É como um bebê, que chora porque sente um incômodo que não sabe o que é, e descobre que é fome porque sua mãe lhe enfia o peito, vazando leite, goela abaixo. É como uma pré-adolescente, que descobre que seu paquera está a fim da sua amiga peituda. Dói. Dói porque não se sabe o que está acontecendo. É angústia. Não sei nomear. Nunca senti antes. Isso vai me matar. Mas aí passa. Sobrevivi. Sei que isso não mata. É um perigo descobrir que determinadas coisas não nos matam, por isso

as pessoas que sofreram são perigosas. Elas se sabem fortes. Eu sofro de amor correspondido. Sei que disso não morro, mas nem por isso dói menos. É difícil ser amada de um jeito diferente do qual a gente ama. Suportar que o amor do outro por nós é diferente arranha o peito. Amar e ser amada é esbarrar nas próprias fraquezas numa parte do tempo e atropelar as fraquezas alheias noutra parte do tempo. O amor é uma conversa de fraquezas e de franquezas. Mas dizem que o amor é para os corajosos. Há que ter muita coragem pra entrar num jogo de fraquezas, onde quem perde é que ganha.

1.11) ME BEIJE A BOCA DO ESTÔMAGO

Minha alma quer fugir do meu corpo para se fragmentar por aí. Quero entrar em combustão espontânea e tirar férias de mim. Preciso de uma existência que formigue, de um amor-tecido. Quero deitar minha cabeça em seu peito, e então parar de respirar, enquanto o sangue que corre pelas suas veias ande cada vez com menos pressa, até então, p a r a r junto com o meu.

Te quero lambendo a minha alma. Me beije a boca do estômago. Abrace o meu sorriso triste. Meus olhos cansados pedem cafuné.

Ah, que palavras deprimentes. Parece tristeza, mas é só cansaço de ser.

Roube-me de mim, por favor.

1.12) PERGUNTAS

Será isso o amor?

Quando duas pessoas não suportam ficar longe uma da outra mesmo quando não suportam uma a outra?

Quando os corpos, dormindo, se colam, mesmo que os olhares se distanciem quando acordados?

Quando o amor coexiste com o ódio, se recusando a ir embora?

Quando se é invadido por uma imensa braveza por o outro ser quem ele é e não quem se queria que ele fosse, mesmo que se ame o outro justamente por ele ser ele mesmo?

Quando os corpos se esbarram, cada um derramando um pouco de alma no outro e, sem perceber, cada um bebe um tanto da alma do outro, pensando ser a própria?

Quando cada um não consegue saber exatamente o que é seu e o que é do outro, porque já não é mais o mesmo que era no início?

Será por isso que quando os casais rompem, é tão difícil separar as coisas materiais de um das coisas do outro? Seria um jogo de metáfora para os corpos e almas que se tornaram impossíveis de separar, mas também impossíveis de tolerar?

Seria isso o amor? Quando não se para de desejar o outro nem mesmo para respirar? E, então, para poder respirar, o que se deseja é deixar de desejar o outro, ou desejá-lo um pouco menos?

Quando se chega a acreditar, por centésimos de segundos, que já não se deseja tanto o outro, na tentativa de se fortalecer, mas em seguida ser atropelado pelo saber do impossível de se desejar menos o outro, enquanto ele for ele mesmo?

Seria isso o amor? Esse impossível de se satisfazer, cuja insatisfação mantém aceso o desejo de se satisfazer um pouco mais, mas que de vez em quando se transforma em desejo de acabar com tudo?

Seria isso o amor? Esse excesso de desejo? Algo que deixa as neuroses e paranóias se infiltrar tão facilmente?

1.13) SONHO COMPARTILHADO

Ela abre os olhos, se senta na cama e enquanto se espreguiça torcendo a coluna primeiro pra direita e depois pra esquerda, sentindo o cetim da camisola pérola fazer cócegas em sua cintura, sente um toque em seu pescoço. Primeiro é um toque suave e depois torna-se brutal. São dez dedos em volta do pescoço dela, mas a intensidade do aperto é tamanha que ela sente como se fosse apenas um grande dedo, como se fosse um cachecol agressivo, que dificulta sua respiração. Os dedos dele são tão longos que quase dão a volta inteira naquele pescoço. Ela se excita, e para não se perceber excitada, se deixa tomar pelo susto. Um, dois, três, trinta, sessenta segundos, dois minutos e meio. A excitação é afogada pela angústia. O que está acontecendo? Ela pensa alto, mas sem conseguir falar. Ele responde, com uma voz firme e tranquila “Você acha que eu não sei? Acha que não conheço aquele Marcos? Sua puta, você estava dando pra ele agora há pouco que eu vi”. Foi um sonho, ela pensa, sem conseguir dizer pra ele. Mas ele escuta os pensamentos dela. Ele não perdoa que tenha sido um sonho. Que tenha sido um sonho não a isenta da responsabilidade de tê-lo sonhado. Ela estava nos braços de outro, mas então acordou, acordou! Ele continua a xingando, ela não entende como ele pode ter visto o sonho dela, ela olha para o rosto dele, mesmo ele estando atrás dela e ela não conseguindo virar o

pescoço, como isso é possível? Ele continua falando palavras duras para ela, cada vez mais alto, embora não mexa os lábios, ela cogita se desculpar pelo sonho, mas acha um absurdo que ele se enraiveça a esse ponto por causa de um sonho e se enche de raiva ao sentir que teve sua intimidade agressivamente violada, como ele ousa assistir o sonho dela? Decide que é melhor morrer do que ficar nessa angústia de sequer poder sonhar sozinha, mas os dedos dele não a sufocam suficientemente pra que ela morra, ela apenas tem muita dificuldade para respirar, não consegue falar, mas sente que levará muitas horas, talvez dias ou semanas ou mesmo vidas para morrer assim. Ela se angustia porque não morre nunca e não consegue dar sentido praquilo, quando então escuta a canção “all we need is love” vir do seu celular, abre os olhos, ele está dormindo ao lado dela, e ela está com o nariz entupido. Parece uma gripe forte.

1.14) TRINTA E QUATRO

“Quantos homens você já teve?” ele perguntou, desviando o olhar na segunda metade da frase, pedindo para que ela não fosse sincera.

“Não sei”, ela disse, encarando-o, rindo um riso nervoso, na tentativa de que ele não escutasse os seus pensamentos, que gritavam “trinta e quatro!”. Havia outra leva de pensamentos que tentavam gritar mais alto, mas começavam a gritar com certo atraso “não sei, não sei, não sei, não sei mesmo”, eles diziam.

Ela se sentia tão conectada a ele que era impossível acreditar que ele não escutava os pensamentos dela. Tudo o que era dela parecia que estava ao alcance dele. Até as partes dela das quais ela nunca havia se apropriado. Ele conhecia as sardas das suas bochechas e as pintinhas dos seus genitais. Ele sabia antes dela que ela gostava mais de merlot ruim do que de qualquer vinho da Califórnia, ele que a fez perceber que ela saía irritada da casa da mãe dela e manhosa depois dos almoços com o avô. Ele contou a ela quase tudo que ela sabia de si, mas nunca disse que ela sempre tinha sido assim ou assado, ontem ou num passado distante. Diante da presença dele era como se ela não tivesse tido um passado e sequer houvesse um futuro.

Os olhos dela pesavam, estranhamente deixando-a mais leve. Era como se ela tivesse a existência dividida com ele. Mesmo quando o corpo dele pesava em cima do corpo dela e ela sequer conseguia respirar direito, ainda assim era mais leve viver com oitenta quilos em cima dela, mas com a alma boroletando, do que sozinha sempre enclausurada dentro de si.

Ela sempre sentiu claustrofobia dentro do seu corpo. Dizem que a gente não tem um corpo, que nós somos um corpo, ela se lembrava, mas ela nunca pôde se apropriar integralmente do corpo que habitava. Aquela que ela via no espelho era sempre um tanto dela mesma e um tanto de outra que não era ela. Mas quando ele a olhava ela se sentia tão si mesma! É bem verdade que a menina que ela via nos olhos dele não coincidia plenamente consigo mesma. Mas ela também não se importava que isso acontecesse.

É por isso que ela secretamente sabia que quando gritava “trinta e quatro” em pensamento ele não escutava, e que a tentativa de gritar “não sei’s” era puramente pra que ela se mantivesse fixada no delicioso delírio de acreditar que os dois eram um em algum lugar. Se não ali, em outro tempo, em outro planeta, em outra dimensão, em outro corpo. Era isso.

“Trinta e quatro? TUDO ISSO?” então ele pergunta, olhando para ela com os olhos muito abertos. Ela sente sua visão borrar e passa a duvidar de que estava mesmo acordada, se lembrando do dia em que pensou que ele nem era tão bom de cama assim quanto o seu beijo a fazia pensar que era e se entristecendo por saber que ele

sabia que ela pensou aquilo e mesmo assim a levou pra jantar no seu restaurante preferido depois. Ela pensa no que será dela, no que será deles, quando o escuta completar a frase: “Trinta e quatro reais numa salada de atum? Esse governo está louco!”.

1.15) SORVETE DE BAUNILHA

Ao seu lado o sorvete de baunilha tem gosto de baunilha.

Ao seu lado o chuchu tem gosto de chuchu.

Ao seu lado a abobrinha tem gosto de abobrinha.

Ao seu lado a ricota tem gosto de ricota.

Ao seu lado a água tem gosto de água.

Ao seu lado tudo aquilo que para o leigo não tem gosto de nada, passa a ter gosto de nada mesmo, mas o nada passa a existir. Ele não se fantasia de gosto de cobertura de bolo, de shoyu, de refogado, de azeite de oliva, de suco de pacote.

O nada tem gosto de nada e isso é uma delícia.

Você me ama por nada e eu te amo por coisa alguma.

É preciso coragem para reconhecer: amor não é mérito.

Não sou amada porque fiz algo que seja digno de amor.

Você não fez nada que mereça o meu amor, e eu te amo.

Eu te amo pelo que você é, apesar do que você é, e principalmente, ainda que eu não saiba quem você é.

Te ofereço nada em troca de coisa alguma, e ao êxtase que a gente sente quando essa operação acontece, chamamos de amor.

Amar é oferecer ao nada a sua devida dignidade. O otimista pode dizer que o nada pode ser tudo, e é verdade. Mas o que é o tudo se não um nada visto por alguém com síndrome de Poliana?

Encho-me de nada para te amar e assim meu amar se torna leve.

Você se enche de nada para me amar e assim fica incrivelmente ignorante, não sabe dizer das causas do seu amor.

Engordo quase cinquenta quilos para testar o seu amor.

Você continua comigo.

Ótimo. Sou mesmo amada por você, você me ama! Não ama apenas o meu corpo.

Emagreço quase quarenta quilos para recuperar o meu amor próprio, pois não posso viver do seu amor.

Você continua comigo.

Penso que você me deu a maior prova de amor possível, ficou comigo mesmo gorda. Acredito que assim, nada mais fará com que você me abandone. Fico segura do seu amor por mim. É tão certo quanto o calor do fogo. Começo a flertar com todos. Tenho um caso com o seu melhor amigo e dou um jeito para que você descubra. Te machuco. Te rasgo. Percebo que quando te firo, firo a mim também. Percebo-me rasgada por dentro, dilacerada de um modo irreversível. Tento costurar a mim mesma na tentativa de cerzir as

suas feridas também. Não consigo. Por mais que eu tente fazer um overloque na minha existência ou coloque um cinto de castidade imaginário em mim, nada funciona.

Me lembro do que eu sabia quando te conheci: amar é trocar o nada por coisa alguma.

Mas agora já é tarde: porque me assustei demasiadamente com o nada, fiz coisas em demasia. Matei o nada e com ele o amor. Antes tínhamos o amor, que é nada por nada. Agora temos vários nomes: ódio, rancor, carinho, tesão. Não é amor, mas com mais palavras para dizer é mais seguro.

Não é tão leve, e por isso talvez, e provavelmente, a vida leve.

1.16) STALKER

Se você soubesse o quanto é verdadeiro o meu amor por você,

Ou

O quanto é intenso o meu desejo de te beijar,

Ou

O quanto as minhas mãos tremem todas de vontade de te tocar,

Ou

No quanto eu me interessou em saber como foi a sua infância e a infância dos seus pais, tios, avós e tios-avós,

Ou

No quanto sou apaixonada por aquela foto em que você está sorrindo na praia de camiseta azul e o seu olho direito está um pouco mais fechado do que o esquerdo,

Ou

No quanto rápido planejei mentalmente os detalhes do nosso casamento, o nome e a personalidade de cada um dos nossos filhos,

Ou

Na certeza que eu tenho que quando eu penso alguma coisa você escuta,

Ou

Que sei a data de nascimento dos seus pais, a hora que você tem consulta com o dermatologista na semana que vem e o nome de todos os cachorros que você já teve na vida,

Ou

Que sei que todas as suas ex-namoradas não eram suficientemente boas pra você, ainda que algumas delas, quase todas, fossem mais bonitas do que eu,

Ou

Que descobri uma lógica entre os números do seu CPF e os do CEP da sua casa,

Então

Talvez você me amasse também,

Ou

Talvez você restringisse as suas publicações apenas para os seus amigos nas redes sociais.

1.17) QUANDO ELE DORME

Quando ele me toca fico sabendo de coisas que não sei. Pela temperatura que sinto na pele dele, sei se a pele dele está ou não está interessada na minha. Há dias em que fazemos amor com cada pedaço nosso: barriga, sexo, intestinos, cabelos, braços, têmporas, fêmures, pescoços. Há dias em que a pele dele só sabe me esfriar. É quando ele está frio por dentro. Não se trata de ser carinhoso ou rude, mas de uma disposição para a vida. Quando ele gosta de viver, minha pele o deseja ardentemente e bebe do desejo dele de sair de dentro de si e se relacionar com o mundo. Quando ele não gosta de viver, pode até querer a junção da carne, pode até estar quente, pode até me despertar o desejo de conversar com ele pela palavra, mas jamais pelo corpo.

Mas quando ele dorme tudo se modifica. O desejo de estar junto se transforma em desejo de estar ainda mais junto, de me cobrir com a pele dele, de respirar com os pulmões dele, de sonhar com o inconsciente dele. Meu corpo acorda o desejando no instante em que ele dorme. Olho sua barriga subindo e descendo, escuto a vida passar silenciosamente pela respiração dele e por alguns barulhos que sua barriga faz e sou tomada por uma paz assustadora. Todo erro será perdoado quando ele estiver dormindo. O amor que tenho por ele, quando ele dorme, é assustador.

1.18) NAVALHA

Sonho com o dia em que eu vou te cortar com uma navalha. Quando nossa vida estiver em preto e branco há muito tempo, um vermelho seu há de salvar nossa imagem perante o mundo.

Não se preocupe, pois não irei cortar sua jugular. Não se enerve demasiadamente, pois não irei cortar seu órgão precioso. Farei um pequeno corte na sua bochecha, ou talvez em sua barriga, braços ou costas.

Quero bastante pele, bastante pele branca, para que um pouco de sangue seja o suficiente para causar muito estrago. Quero escutar o som do fio da navalha terminando os relacionamentos entre suas células, será música para o meu coração. Quero ver cada pedacinho do seu branco ser tingido por um vermelho com textura de veludo líquido. Quero lambe a borda da maior mancha, sentir um gosto de chave na boca e me questionar se fechei o portão de casa. Quero ensaiar a finalização do processo com um beijo que será leve na sua pele e forte na minha boca. Quero ensaiar outra finalização com um beijo estalado na sua pele branca ao lado mais distante da última gota de sangue. Quero escutar sua pele inteira se retorcer por apenas uma pequena porcentagem dela ser tocada pelo fio da navalha. Quero fazer outro corte mais forte, depois que você respirar fundo achando que terminou. Quero repetir esse processo

até que você não consiga mais respirar e fique angustiado sem saber se respirar é permitido sem que eu lhe machuque. Farei, então, um corte pelo telefonema que fiquei aguardando de você, três cortes pela vez em que lhe beijei sozinha, pois você apenas me ofereceu os lábios, ao invés de fazer o movimento de sucção, dois cortes um paralelo ao outro pelo olhar que você não me deu quando eu precisei. Farei um corte exatamente em cima do outro por cada pensamento que você teve em que a mulher desejada não era eu. Pode ser que eu serre o seu osso. Talvez eu lhe mate. Mas juro que não foi por mal.

1.19) NECESSIDADEZINHAS

Uma necessidade de sentir meu corpo que se transformou em pequenos cortes que marcam minha existência como sendo minha e não do outro. São cortes para mim. Faço-os onde ninguém os vê. Faço-os em lugares que não me demandarão usar blusas de manga comprida em pleno verão, coisa que certamente chamaria tanta atenção das pessoas quanto fazer os cortes em lugares óbvios.

Uma necessidade de existir menos, que se transformou em uma urgência em não comer, para que meu corpo se torne pequeno, bem pequeno, na tentativa de que a minha existência passe despercebida mas não ao ponto de perder o limite, coisa que certamente chamaria a atenção das pessoas, que certamente desenvolveriam o desejo de me alimentar.

Uma necessidade de me reconhecer no espelho para além da minha imagem, que se transformou numa impossibilidade de me reconhecer naquilo que aparece refletido, ao ponto de eu escrever palavras por todo o meu corpo, e nua, por-me diante do espelho, para finalmente poder me reconhecer pelas palavras que o meu corpo carrega.

Uma necessidade de inventar coisas que eu não sou, de infectar meu desejo com todos os opostos de mim, para que eu possa saber que a minha existência não carrega um sentido intrínseco a ela,

possibilitando que os meus contrários façam laço e que eu ame os meus avessos.

1.20) QUANDO VOCÊ NÃO ME QUER

Não sentir o seu amor é me sentir demasiadamente. É ficar inerte e impotente diante da solidão que me violenta. É sentir minhas ausências se esvaziarem e ser reduzida a poeira de qualquer coisa sem uso para sempre. Sinto meu corpo pesar por muitos planetas e nenhum fluído corporal para em mim. Quando você não me quer, nada mais nesse mundo me quer. Eu não me quero sem o seu querer. Sou tomada pelo desejo das pessoas sem alma. Minha pele pede cortes. Como seria bom poder dizer olha, é aqui que dói. Vou fazer um curativo. Vai sarar. Dá um beijinho pra sarar? Casa comigo pra que eu me cure? Mas tudo o que desejo é cortar a minha pele pra salvar a minha pele, pra salvar a minha alma da morte. É preciso causar dor quando não se sente prazer para saber que se está vivo. Sei que estou viva porque a minha solidão me agride. E eu me permito ser rabiscada por ela. Permito por não ter capacidade de escolha. Quando não sinto seu amor torno-me objeto da pior parte de mim. Mas ser amada é correr o risco incessante de se desamada, desarmada, desalmada. E odiada. Se sou suscetível ao seu ódio é porque sou amada por você. O quanto você é capaz de suportar me odiar sem me desamar? Qual é o ponto em que o ódio se torna mais forte do que o amor? Em que momento somamos mais incompreensões do que tolerância? De repente você me olha com olhos de estranho. Não sabe para quem olha. E aí não sei

quem sou. E então deixo de me ser. Enquanto isso te imploro para que me veja. Para que me reconheça. Para que me permita existir no que há de melhor em mim.

1.21) DAS URGÊNCIAS

Te amo com a urgência de um ansioso que estoura plástico bolhas.

Te amo com a urgência de uma borboleta que tem mais tempo de casulo do que pra voar e com a cautela que se tem para manter contato físico com uma joaninha.

Te amo com o desespero de uma mãe que perdeu o primeiro filho por morte súbita e que checa a cada vinte e sete segundos a respiração do segundo filho, nascido há treze dias e meio.

Te amo com a alegria de uma mulher que esperava pouco da vida e tem muito dela mas mesmo assim quer mais e no entanto está satisfeita.

Te amo com a satisfação que tem um adolescente que passou trinta e três dias acampando com os amigos no meio da floresta ao tomar banho com chuveiro a gás e enfiar cotonetes nos ouvidos.

Te amo com a necessidade de quem precisa dormir mas também precisa calar o poema que fica ecoando em sua cabeça e por isso escreve.

1.22) MINHA MÃE

- Em que parte do corpo dói?
- Dói na minha mãe.
- Mas então não é em você, é nela?
- É em mim.

Há em mim um órgão do corpo que se chama minha mãe. Eu não o vejo, eu não o sinto, eu não o cuido, eu não o coço, não o lavo, não o visto, não o acaricio ou o arranho.

Há um órgão em mim chamado minha mãe, onde não é preciso passar repelente no verão porque o pernilongo não pica.

Há em mim um órgão chamado minha mãe, que transmite choques de dores que reverberam por todo o meu corpo.

Eu não consigo interromper essa transmissão por não saber onde minha mãe está em mim.

Há um órgão em mim chamado minha mãe, que não se alivia quando escrevo.

Há um órgão em mim chamado minha mãe, que não se alivia nunca, nem mesmo quando estou com ela, ou principalmente quando estou com ela.

Há um órgão em mim chamado minha mãe, que excede o meu corpo e me faz sangrar sem sangue por dentro.

Há um órgão em mim chamado minha mãe, que não é a minha mãe.

1.23) CORPALAVRA

Quando estou triste as palavras que moram em mim desaprendem a sair pela boca.

Mas pelos dedos, elas escorrem.

Tantas outras recusam-se a se desprender do meu corpo...! Colam em mim como uma segunda pele interna, como uma endoderme.

E por estarem demasiadamente perto, não consigo lê-las. Não se pode ver os próprios olhos, o estômago não devora a si mesmo, quem está no furacão não enxerga o furacão.

É a possibilidade de escrever algumas delas que permite que eu me distancie minimamente de mim e consiga me ler um pouco.

Escrever é como criar um duplo, é como criar um espelho que não reflete a minha imagem, mas as palavras que moram em mim.

Tem uma palavra que se chama tristeza numa artéria que liga o meu esôfago ao meu rim direito. Essa artéria não é fei-

ta de artéria, é feita da palavra tristeza.

Tem uma palavra que se chama alegria que liga alguma coisa em mim a alguma outra coisa em mim. Mas dela não posso falar agora porque ela está dormindo. Não é que eu não fale dela por medo de

acordá-la, eu falaria dela, se eu pudesse. Mas é que as palavras que dormem em mim não aparecem no espelho-palavra.

Escrevo para acordar as palavras dorminhocas que moram em mim.

Nem sempre funciona.

1.24) DA FALTA QUE EXCEDE

Você (me) partiu e levou consigo um pedaço de mim que eu não sei qual é. Sabe como é aquela sensação quando estamos indo viajar e repassamos mentalmente infinitas vezes tudo o que é preciso levar, mas nada parece faltar e ainda assim sabemos que algo está faltando? É assim. Retomo a minha vida, os meus objetivos, os meus amigos, os meus sonhos, a minha rotina, a minha dieta, os meus desejos, o meu corpo, os meus trabalhos, uma, duas, três, quatro, mil, dez mil, cinco milhões, quinze bilhões de vezes e tudo está aqui, exatamente onde devia estar. Mas então por que parece que algo me falta? Você nunca foi um pedaço de mim, eu sempre fui só eu mesma, sempre estive solitária embaixo da minha pele, você nunca pôde entrar nos meus pensamentos, nem se misturar aos meus neurônios, eu sempre dediquei o meu sistema límbico a você, mas ele continuou sendo só meu. Então de onde vem essa sensação de que algo me falta, se está tudo aqui? Que bruxaria é essa que cavou um buraco no meu peito fazendo faltar uma parte minha que nunca existiu? Sinto a sua falta como se eu tivesse tido em algum tempo um segundo umbigo ou um sexto dedo, ou um pescoço a mais. Você era o excesso de mim mesma. Você dava corpo aos meus excessos. Agora eu sou tão contida, agora estou tão eu mesma como eu não lembrava ser, que isso me dá repulsas. Não quero saber de mim como sou, quero a imagem embaçada que

você me dava. Quero quase acreditar que me misturo a você, mas no fundo saber que continuo sozinha em mim. Quero saber de um modo discreto que continuo sendo eu mesma, não quero as minhas verdades tão escancaradas. Quero me distrair com as fantasias que tenho da mulher que eu poderia vir a ser ao seu lado. Quero sofrer de déficit de atenção de mim mesma. Quero que a realidade seja menos interessante do que ela realmente é. Quero acreditar que o tempo cura alguma coisa quando na verdade sei que o tempo não cura coisa alguma, ele só se oferece pra que a gente faça alguma coisa com ele. Quero fazer algo com o tempo, nem que seja virar relojoeira ou a repórter da previsão do tempo, como você acidamente me sugeriu quando anunciava a sua partida nas entrelinhas, de um modo covarde. Quero acreditar mesmo que você anunciou a sua partida de um modo covarde e não que fui eu que me esforcei para não enxergar o que estava obviamente escancarado na minha frente. Quero pensar que não perdi tempo com você, que valeu a pena, que deu certo pelo tempo em que estivemos juntos e que o nosso amor foi eterno enquanto durou porque o eterno está na intensidade das coisas e não na durabilidade delas, ainda que lá no fundo eu ache que isso é tudo blá-blá-blá de poeta. Mas quero acima de tudo te agradecer por trazer à tona todas essas sensações, porque nada diz mais de mim do que essa sensação excessiva de ser reduzida a mim mesma.

2) DO QUE ESVAZIA

2.1) PRIMEIRA VISTA

Eu te olho, você rapidamente passa os olhos por mim e continua o passeio do seu olhar pelo ambiente. Eu continuo olhando porque não consegui desviar o olhar e então você retorna o seu olhar na minha direção. Sinto que há borboletas na minha barriga, me esforço pra afastar meu o olhar do seu pra fazer um charme, porque me lembro que foi assim que minha mãe me ensinou. Que a sedução é um jogo, que a gente tem que estar ali, mas nunca inteiramente, que é sempre preciso deixar o cara levemente inseguro, mas não demais, senão ele desiste, “homem gosta de se sentir o dono da situação mas de no fundo saber que não é o dono de coisa alguma”, ela dizia.

Desvio o meu olhar e o volto para os seus olhos uns trinta centésimos de segundo depois. Você ainda está olhando na minha direção. Vejo que você usa uma camisa rosa, me apaixono por sua camisa rosa, penso que você não deve ser um cara preconceituoso porque usa cor-de-rosa. Ótimo, um homem que sabe respeitar as pessoas, que não tem medo de brincar com o que há de feminino em si. Certamente é um cara que suporta as multiplicidades da sexualidade humana, que maravilha!, nada mais sexy do que um cara que sabe respeitar as pessoas. Provavelmente é alguém que não vai dar pitaco no meu decote ou no tamanho da minha saia, vai

se excitar ao invés de se assustar com o tamanho do meu desejo. Ótimo, perfeito, continue vindo, mocinho.

Olho para as suas mãos e vejo que você tem um anel na mão direita. Uia, será que é um anel de namoro ou de noivado? Ufa, é um anel prateado e, uuuufa, tem uma parte trabalhadinha ali na prata, então é só um anel, não é uma aliança. Sinto que os meus músculos dos ombros relaxam e que estou ficando excitada. Mas por que raios um cara usa um anel no dedo anelar da mão direita? Deve ser porque acabou de terminar um relacionamento e o dedo sente saudades do anel, ainda que uma pessoa nem sinta mais saudades da outra. Será que sua ex é muito maluca e atormenta a sua vida ou será que ela já te superou? Espero que ela não encha muito o nosso saco, não tenho paciência com mulheres loucas, lidar com a minha própria loucura já exige muito de mim. E também espero que o nome dela não seja Amanda, acho Amanda um nome lindo, quero que seja o nome da minha filha, não vou aceitar um cara que tenha uma Amanda como ex. Espero também que o seu nome não seja Henrique, porque quero que seja o nome do meu filho e não quero um filho Junior ou um filho Filho, se identificaria demasiadamente ao pai e isso talvez lhe exigisse muito trabalho psíquico pra se diferenciar, porque claro, você deve ter defeitos que eu não quero que passem pros meus filhos, né? Tudo bem que você é lindo, sabe respeitar as pessoas, soube colocar limites na sua ex louca direitinho, mas eu tenho um pezinho na realidade e bem sei que você talvez ronque, que talvez paquere mulheres aleatórias

quando não está comigo, que talvez, sei lá, enfim, chegue logo aqui, poxa! Já faz 4 segundos que estou esperando.

Isso, tá chegando, já sinto todos os pelinhos do meu corpo se eriçarem, as borboletas da minha barriga começam a sair dos casulos. Paro de respirar pra que você não perceba que comecei a tremer, de repente parece que conheço você desde sempre. Sinto que a cada passo que você dá na minha direção a minha alma se sente um pouco menos faminta, um pouco mais completa. Então você para na minha frente, abre a boca pra falar, e, ai, meu deus, que boca linda você tem, deve ter um beijo macio, e aí “moça, dá licença”? E eu “como assim?” e então olho pra trás e percebo que estou em frente à porta do banheiro masculino.

2.2) PORRE DE VOCÊ

Cada célula sua, cada pensamento seu, cada fio de cabelo, cada segundo da sua existência, cada pelo, cada excremento, cada dor, cada diálogo sobre amenidades com desconhecidos, cada instante do seu corpo vivo: eu queria tudo pra mim.

E tive, na medida em que coube em mim, cada fiapo da sua existência. Me empanurrei das suas crises existenciais, das suas regras de como viver no mundo, das pequenas alegrias que regavam seus dias, dos pesadelos que você podia lembrar e me contar ao acordar, dos diferentes sabores que seus beijos espalhavam por mim, dependendo do seu humor.

Me embebedei da sua saliva e das lágrimas suas que não caíram.

Vivi numa rave ao som das batidas do seu coração, tomei os doces que escorriam das suas palavras no início.

Me entorpecí, me excedi, me droguei de você, excedi o limite de uma substância que não era eu mesma dentro de mim.

Hoje eu te vomitei. Acordei com mal-estar. Meu estômago revirava ao me lembrar das nossas cenas de amor. Ao me lembrar dos nossos diálogos algo parecia fazer da minha goela o sino de notredame com o corcunda pendurado. Fui ao banheiro e vomitei tudo o que tinha de você em mim. Nunca mais vou conseguir incorporar

algo de você. Foi assim quando tive intoxicação alimentar de mariscos, nunca mais comi mariscos. Será assim com você.

2.3) EU E A OUTRA

É estranho ter medo da sua melhor amiga. Eu tenho. As palavras são minhas melhores amigas. Porque são as únicas que sei que não me abandonarão, de todo o resto da humanidade eu duvido. Escrevo as palavras, sem grandes dificuldades, mas pago a conta depois. Deus me livre de ter longas noites de sono, Deus me livre de descansar merecidamente, Deus me livre de encaixar a alma no meu corpo como peças de lego, Deus me livre de achar a tampa da minha panela. Nasci pra ser só, pra me exaurir de mim, pra me doer de amor, pra ser sozinha comigo mesma. Não é sempre assim. Às vezes sinto alegrias horríveis. A felicidade me é devastadora. O conforto me mata. A paz me aniquila. Outro dia eu fui bem feliz. Quando dei por mim, a felicidade era tanta, que naquele momento eu soube que morreria. Soube que eu já tinha sugado da vida tudo o que ela podia me dar, e que a partir de então, tudo o que eu vivesse – se eu vivesse – seria lucro. Estou lucrando muito. Gosto de lucrar. Já lucrei dois maridos e dois filhos. Mas sinto que estou apodrecendo aos poucos. Hoje vi algumas fotos da minha infância, da minha adolescência, da juventude... e senti pena da mulher que eu virei. Não era esse rosto de mulher que sabe das coisas que eu queria ter. Desculpas, pequena, eu falhei, disse a eu de hoje à minha imagem fotográfica. Mas as garotas da foto sentem orgulho de quem eu sou. Consegui coisas boas da vida. Nunca sonhei em

me casar, nunca sonhei em ser mãe, nunca sonhei ser mulher. Queria mesmo era ser homenzinho. Ganhar dinheiro, reconhecimento e principalmente independência. Pois no auge dos meus quarenta e sete anos de idade, sou homem feito. Não há mais o que querer de novo, a não ser mais do mesmo. Cansei do mesmo, mas não quero abrir mão do que consegui. O jeito agora é virar mulher. Não sei ser mulher. Ninguém sabe ser mulher. Só os loucos sabem ser mulher. Quero saber ser mulher? Não, quero ser sem saber. Cansei de saber. Não sou sabida, sei de pouquíssississíssimas coisas, mas cansei de querer saber. Quero agora apenas ser, existir, amar, sentir, voar, morrer. Quero amar sem saber os motivos, quero gozar sem pensar no que é o gozo. Quero ter um corpo sem senti-lo. Quero ver meus filhos crescerem sem me sentir culpada pelas falhas que eles eventualmente tiverem, e tomara que tenham. Quero viver sem saber que vivo. Quero me alienar. Deu-me um arrepio na alma. Saudades de sentir arrepios no corpo, já não sei mais o que é isso, talvez desde o meu último parto. Agora sinto náuseas na alma, que é como se eu tivesse um corpo que não me pertencesse, mas que fosse eu ainda assim. É como ter um filho de quem eu não fosse mãe. Como se eu fosse outra, para além de mim. Como se eu fosse maior que eu sou. Pois o meu segundo corpo é o que eu chamo de alma. Vivo a cerceá-lo, na tentativa de que não apareça. Mas quanto mais me sinto só, quanto mais envelheço, mais vida própria ele ganha, e eu já não sei mais o que fazer com ele. Não é ele, é ela. Ela me persegue, mesmo quando não percebo. Acho que ela não tem ganhado vida própria não, mas talvez seja eu que não consigo mais não percebê-la. Ela

me assusta, porque pouco sei dela. E das poucas notícias que tenho, sei que ela é sem limites. Ela não tem o corpo delineado, com formas e contornos como o meu, ela é uma garatuja de criança que faz os primeiros rabiscos com giz de cera. Ela não se reconhece no espelho. Não tem um nome. Não falam dela, nem bem nem mal. Ela é uma velha alemã, embora muito jovem, embora japonesa, às vezes chinesa, africana, tailandesa, francesa e até mesmo norte-americana e paraguaia. A velha alemã teria uma voz macia de jovem, se falasse. São todas as mulheres do mundo que moram em mim, sou eu que moro em todas as mulheres do mundo. Por isso essa mulher sem contorno é tão perigosa. Sem limites, eu disse. Não sabe a hora de parar. Não sabe quando parar com a brincadeira e nem sabe quando é que um relacionamento terminou. Não sabe terminar de sofrer e também não sabe parar de rir. Não sabe quando está sendo relapsa ou engolindo o próprio filho. Por isso a felicidade me é devastadora. Vivo me confundindo com ela, porque essa ideia de que habitamos corpos diferentes, é tudo ilusão. No fim das contas só existe uma grande mulher, uma vagina gigante, a qual todas nós pertencemos. E é tudo ilusão de que somos mulheres diferentes. Somos todas galhos do mesmo tronco. É diferente de sermos irmãs, somos as mesmas. Cansa ser tantas! Outro dia eu fui à manicure. Uma moça canhota, que tirava as minhas cutículas com uma habilidade incrível, me atendeu. Parecia tão rápida, tão charmosa, tão baixinha, me apaixonei por aquela mulher sem saber o porquê, quando então me dei conta de que ela não tinha o dedo indicador da mão esquerda. Eu estava encantada pela possibilidade de se fazer algo com algo que falta! Fiquei tão

encabulada por não perceber a obviedade da falta de um dedo na moça, que não pude perguntar o que acontecera ao indicador que não estava. Amei aquela moça infinitamente por ela não ter virado destra por facilidade. Manteve-se pura e canhota, mesmo diante das adversidades da vida. Voltei pra casa exaurida de ser aquela mulher. Eu não estava só enquanto a amava. Esse é o bom de amar uma mulher, escapular da solidão. O amor por um homem não te permite ter a companhia dele. Os homens sempre acabam nos deixando sozinhas. Não nos suportam. Não suportam a incapacidade de si mesmos de nos desvendarem. Não aguentam não controlarem o nosso corpo, o nosso ciclo menstrual, os nossos humores. Os homens só amam verdadeiramente os cachorros. É verdade que alguns amam muito aos seus filhos, mas eu bem sei que amar um filho é um pouco como amar a si mesmo, pois meus filhos são as melhores partes de mim fora de mim. Assim é fácil amar. “É meu espermatozoide aquilo ali, ah, como eu me amo”. Os homens só sabem amar a si mesmos. Só as mulheres sabem amar os outros, verdadeiramente.

Eu bem sei o que um homem diria se lesse isso: “você está dizendo mentiras, eu amo você, amo o seu corpo, e você só sabe se olhar no espelho, tirar fotos de si mesma e postar por toda a internet. Sensualiza com todos os espelhos, é você quem faz isso, e não eu! E outra, só as amizades entre homens é que são verdadeiras. Você bem sabe que as suas amigas tomam chá de sumiço de vez em quando! Eu encontro os meus amigos todas as semanas, os mesmos amigos, há anos, décadas. Você faz amizades de ocasião,

vê mais as mulheres dos meus amigos do que as suas próprias amigas. As mulheres são falsas. Vocês dizem se amar, mas assim que a nuca da outra está nos olhos de vocês, põem-se a falar mal delas!”

Ah, essa é uma linda verdade. Uma verdade para a qual basta ser mulher para não se incomodar. As mulheres não sofrem por serem abandonadas por outras mulheres, porque sabem que o abandono de uma mulher nunca é pleno. Só os homens sabem abandonar verdadeiramente. A gente só sabe se misturar com as pessoas e depois salvar uma parte de si para não se misturar ao outro e manter a nossa própria integridade.

2.4) NINA

Era uma menina bem comportada. Demasiadamente educada. Limpa por fora e até nos pensamentos. Tão limpa que às vezes se cegava na sua branquidão mais clara do que tecido-que-ficou-esquecido-de-molho-na-quiboa. Daí, quando o branco lhe doía os olhos da alma, fazia uma má-criação. “Mãe, cala a boca!” E a menina era posta de castigo. A punição era ficar sozinha em seu quarto, com os seus cremes, brinquedos e o grande espelho. E a menina ia para onde lhe mandavam, feliz da vida que podia ficar sozinha sem ter a consciência doída. Nem percebia se ofendia a mãe ou se deixava o pai bravo. Ia com a leveza de quem passeia no bosque depois da chuva, misturando-se à terra molhada. Chegava no quarto e por sua própria conta, fechava a porta, selando o seu castigo e indo ao encontro de sua solidão. Daí, sem ficar triste, era atropelada por um pensamento de que queria morrer. Ou que queria matar alguém, ou que poderia ter o poder de decisão de morte e vida em suas mãos, entre os seus dedos de unhas que já foram roídas. Certa vez o pai lhe prometera um aquário de presente, em troca de que a menina parasse de roer as unhas. Daí a menina largou o gosto que tinha pelo pedaço de dedo que continuava sem sê-lo, chamado unha. Não porque queria um aquário, mas porque o pai lhe tinha pedido olhando nos olhos, introjetando a palavra amor, sem dizê-la, dentro dela. Tanto é que ela nem ganhou o aquário. É

que o pai não sabia pedir sem prometer em troca. Coitado dele, que não conhecia quais eram as forças de um pai. E Nina, então, pegava a sua unha que era forte graças ao pai, e forçava a tampa do pote de creme para cima, abrindo-o. E abria mais um pote de creme. E um perfume que ganhara de uma tia de olhos arregalados. E outro, que lhe fazia espirrar. Pegava, então, a pequena panela de plástico, toda cheia da areia fedida e de origem duvidosa do parque da praça, limpava-a com a parte comprida da manga do pijama amarelo cor-de-vaca, e ali mesmo punha-se a misturar a sua poção de mescla de cheiros, em busca do poder de vida e morte. Achava que os cheiros, juntos, tornariam-se veneno do bom. E daí poderia matar alguém. Poderia até se vingar em pensamento, pensando que se quisesse, matava a Bruna do cabelo mais comprido que o dela, ou a vizinha que não guardava os brinquedos depois de usar. Distraía-se entre pensamentos cheirosos e desejos fedidos. Nisso, a mãe abriu a porta do quarto da menina, muito decidida, gritou “Sai daí que o castigo já acabou”. E de lá Nina saía, sem nem saber que ficava feliz de sair do castigo que ela mesma escolhera para si. Porque não tinha consciência das coisas que pensava e também nem ligava pra isso, que é problema de gente grande.

2.5) SONETO DE INFIDELIDADE

Tem uma vertigem me comendo. Entrou pelo meu umbigo quando eu ainda tinha um cordão umbilical que me ligava à minha mãe. Talvez tenha sido ela quem me transmitiu essa vertigem. E talvez por isso tenhamos uma relação esquisita. Amo tanto a minha mãe que se eu chegar perto demais, dói. Então me distancio pra poder respirar. A minha vertigem, quando encosta na vertigem dela, dá uma espécie de curto-circuito onde saem faíscas de amor. É terrível quando isso acontece. Quem já amou, bem sabe que o amor machuca. Tal como a felicidade dói. Sentir é sempre dolorido. Mesmo quando sentir é bom. Chamo de dor tudo aquilo que me afeta. Sou masoquista da existência. Odeio sentir dor, mas odeio ainda mais não sentir. Sentir nada é a própria loucura. Prefiro o desespero das cócegas do que a agonia do silêncio do corpo. Mas sentir só é bom se tiver intervalos. Qualquer coisa só é boa ou ruim quando nasce de um intervalo. Entre eu e mim existe um intervalo. Um intervalo enorme, parece um precipício. E esse precipício é mais do que eu, é mais do que mim. Pertencço a esse precipício. Estou sempre sendo seduzida por ele, ao mesmo tempo em que me esforço para me distrair com outras coisas da vida. Tenho uma forte tendência à loucura, mas disfarço com resignação. Finjo para mim mesma que sou resiliente, e então acredito, e então pareço ser. Sou falsa comigo e faço de conta que não sei. Mas não faço isso por

pura falsidade, é por não saber fazer diferente. Desde sempre sou infiel a mim, e essa é a minha mais profunda fidelidade.

2.6) SE QUISER

Se você quiser me deixar, então me deixe. Mas me deixe com vontade. Vá embora bem gostoso. Diga um adeus cheio de água na boca. Confesse que se confundiu com as palavras, que chamou de amor o que era tesão. Ora, ambas as palavras são dissílabas e oxítonas. Quem nunca confundiu tesão com amor que atire a primeira pedra. Mas você soube desde o começo, e me avisou sobre isso. Você bem que dizia que não sabia o que era amor, mas que devia ser a vontade que não tinha de me mandar embora depois que a gente transava. Ora, agora você continua não me mandando embora, mas é impossível não ler nos seus olhos de não-sei-o-que-quero-da-vida a vontade que você tem de ir embora. A sua pele já não cochicha mais segredos para a minha e de repente a telepatia que eu alucinava haver entre nós ficou cacofônica. Seus cabelos, quando brilham, não me mandam mais sinais sobre o seu humor e ontem tive a impressão de que dormindo, você disse sem palavras que estava indo embora. Então, se você quiser me deixar, me deixe. Mas se quiser me beijar, me beije.

2.7) PEDAÇOS DE MIM

Cada vez que você toca em mim, arranca um pedaço meu. Não foi sempre assim, antes era o inverso. Cada vez que você me olhava eu ganhava uma nova célula de mim mesma, a cada contato que a minha pele tinha com a sua, eu copiava um pedaço da sua existência no seu pedaço que tocava em mim e isso permitia que eu respirasse sem pirar. Cada pedaço do meu corpo ganhou cores novas com seus olhares-de-faber-castell. Eu era esfumaçada antes de você me olhar, era toda cinza antes de você me tocar. Mas aí, aos poucos, você foi me delineando, meu corpo ficou todo contornado, definido, minha alma ficou arco-íris, e eu te amei tanto, tanto, tanto por fazer isso comigo, e me amei tanto, tanto, tanto, por ser amada por você! Só que aí eu percebi que se você fazia isso, não era por amor a mim ou porque eu era especial ou sei lá o que, mas você fazia isso porque essa era a sua especialidade. Então comecei a olhar o seu olhar e vi como você coloria todas as mulheres, na rua, no café, na cantina, na biblioteca, nos happy hours, etc. E foi quando eu percebi que não era exclusividade minha ter o seu olhar-faber-castell é que me dei conta de que você já não me coloria mais. E desde que percebi que o seu olhar não diz mais de mim também percebi que me tornei exclusiva para você. Eu era a única mulher nesse mundo que você já não olhava com desejo. Ou vai ver até olhava, mas eu via desejo no seu olhar por todas as

mulheres do mundo, menos por mim. Você abusou. Ou eu abusei. Tanto faz. Talvez eu tenha delirado todas essas coisas bregas de arco-íris só pra não me responsabilizar pela minha própria alegria de antes, e pela minha tristeza de agora. O fato é que agora dói. Você toca em mim e arranca um pedaço meu. Você me olha e faz buracos na minha alma. Você me beija e gela meu âmagô. Talvez eu tenha sentido demais e agora já não haja o que sentir. Então estou indo embora porque preciso que você pare de roubar os pedaços de mim. E não interessa se foi você quem me ajudou a me construir, essas coisas agora são minhas. Me sinto uma leprosa ao seu lado, perdendo pedaços de mim. Não quero ser só mais uma (que você deseja) e também não quero ser a única (que você não deseja). Não quero querer e não quero não querer. Então eu vou embora.

2.8) JÁ NÃO NOS SOMOS.

Despido de mim, você não se parece com você. Ao menos não se parece com o homem pelo qual eu me apaixonei. Seus olhos, agora salões de festa onde tudo acontece, menos festa, denunciam que meu corpo não faz mais morada aí.

Sua pele já não me cochicha coisas sobre uma vida que eu vivi e não lembro. Sua respiração não exala mais átomos que me esvaziam do que os outros querem pra mim.

Houve um tempo em que eu me sentia leve com você, conectada a mim mesma. Houve um tempo que não é agora. Fico procurando no seu olhar restos mortais do nosso amor. Desesperada, jogo a culpa do nosso final em você, te enlouqueço para que você diga verdades doloridas sobre mim, na expectativa de que a ferida que carrego na alma onde jaz o nosso amor, possa ser limpa com palavras ardidadas. O que arde cura, penso, lembrando dos ditos da avó que eu não tive, mas que gostaria de ter tido, e faço do dito que ninguém me disse, um mantra. O que arde cura o que arde cura o que arde cura o que arde cura.

Assim levo você a ensanguentar minha alma, a rasgar os cortes que o fim do nosso amor causaram em mim. E assim uso você para me machucar, com a desculpa de que estou tentando me curar, no entanto, nem eu mesma acredito que o que arde cura.

Nem tudo o que arde cura.

Te expulso de dentro de mim, me esforço para isso, é como um parto que não é natural, que não é humanizado, que é uma cirurgia feita por alguém que não é profissional e que sequer tem instrumentos para tal.

E assim me submeto a mim mesma a uma cirurgia diária que dura sete meses. Todos os dias excludo manualmente uma dor de alguma lembrança que vivemos juntos. Às vezes erro a medida da força da exclusão e lá se vai embora uma lembrança inteira, em vez de ir apenas a dor. Por erro médico perdi algumas viagens de férias e acho que uns anos novos também. Alguns aniversários, vários finais de semana. Enfim. Mas em algum momento me sinto mais leve. Sei que, ao excluir você da minha vida, excluí também parte de mim. A fórceps, agora estou livre para ser outra.

2.9) PORTA DO BANHEIRO

Tudo começou quando a porta do banheiro começou a ser fechada.

Não sei se fui eu, se foi ele ou se a porta simplesmente começou a se fechar sozinha.

Mas foi ali que o final começou.

Já não falávamos sobre qualquer assunto, muitos haviam, aos poucos, virado tabu, então, a porta do banheiro não se tornou um assunto, como tantos outros.

Ele já não reclamava mais da baixa frequência do sexo, eu já não me queixava mais da escassez das palavras de amor.

Eu havia entendido que, para ele, era sempre preciso escorrer libido e encarnar atrizes de filmes pornô, mas tinha preguiça de atuar.

Ele havia entendido que, para mim as palavras de amor estragavam mais fácil que uma banana madura no meio de um cacho de bananas podres, mas tinha medo de ficar falando de amor.

A gente achava que se conhecia e que por isso não precisava mais falar.

Eu achava que sabia todas as histórias da infância que ele era capaz de se lembrar.

Ele achava que eu era muito previsível e que sabia como eu reagiria a cada situação.

E foi assim, pelo excesso de aproximação, pela falta de curiosidade e de estranheza, que a gente matou o nosso amor.

Eu só percebi quando fechar a porta do banheiro se tornou comum.

É, o amor acaba, sim.

2.10) QUARENTA E TANTO.

Ela queria muito do amor. Beijos que colassem os lábios para sempre até daqui a pouco; peles que virassem uma só eternamente, por dois minutos e meio; declarações de amor que nem por um instante parecessem duvidosas, mas que não fossem bregas; brigas que terminassem em explosões definitivas de amor.

Ela não tinha tudo o que queria do amor. Os beijos nem sempre se encaixavam (vez em quando o pegava de olhos abertos durante o beijo e ele se defendia dizendo que ela só tinha visto porque também estava de olhos abertos); quando a pele dele a tocava, ela sentia que havia ali uma comunicação extraordinária entre eles, mas que se encerrava assim que suas peles se separavam, e ele sempre separava as peles mais rápido do que ela gostaria; as declarações de amor não vinham por palavras; a maioria das brigas terminava num enorme silêncio.

Ela não sabia que tinha mais do amor do que podia receber. Ele a beijava de olhos abertos porque para ele o amor estava em ver as bocas coladas, e ele era tão fanático pelos lábios dela que queria enxergá-los o tempo todo, não só senti-los; quando as peles deles se tocavam, ele não só sentia que a comunicação entre a pele dele e a pele dela era extraordinária, como rapidamente sentia que se aquilo durasse mais ele não poderia mais retornar ao próprio corpo,

fundiria-se a ela, e então, rapidamente se afastava; as declarações de amor vinham pelo silêncio de todas essas sensações, pois se ele falasse, cairia no abismo do amor; as brigas terminavam para ele em enormes crises existenciais, onde ele não parava de se perguntar por que continuava ali se ela era tão ameaçadora para ele, e então se calava para não ceder ao impulso de acabar com tudo apenas por medo. Era preciso se manter silencioso para poder continuar beijando-a e tocando-a. Amá-la sem enlouquecer somente era possível através do silêncio.

E porque ela não sabia disso e ele se recusava a dizer, porque não sabia como dizer, e também porque não sabia que era importante dizer, e também porque tinha medo de dizer, e também porque era impossível dizer sem que a coisa mudasse radicalmente no instante seguinte (dizer algo é também alterar esse algo); ela reclamava da falta de amor dele (ou da falta do amor que ela achava que deveria receber, pois não podia receber o amor como era, só como achava que deveria ser); e porque pensava que não era suficientemente amada (nunca se sabe pelo que se é amado e nunca se é amado por aquilo que se pensa merecer amor), ela foi embora, recitando clichês com o peito estufado de orgulho “comigo é assim, ou oito ou oitenta”, e foi assim que ela perdeu um quarenta e tanto.

2.11) ME DEIXA

Será que você consegue partir sem me partir? Será que se você for, pode então, não voltar? Será que se você for, pode, por gentileza, me levar toda com você ou então me deixar inteira aqui? Veja, não estou pedindo para que você fique. Só estou cansada de você ir e levar pedaços de mim. Estou farta de você retornar e encaixar as peças que você levou de mim nos buracos que você mesmo me causou. Decidi que esses furos que você me faz não devem mais ser preenchidos. Preciso aprender a conviver com os meus vazios. Mas aí quando estou me acostumando com eles, depois da fase de tentar preenchê-los com carboidratos ruins, homens canalhas, antidepressivos e álcool, quando começa a rolar uma química aqui entre mim e os meus vazios, você retorna com as peças que me faltam e aí eu não aguento e me deixo ser toda inflamada de desejo de ser preenchida pelos pedaços meus que você carrega. Então você decide partir de novo, e com isso me deixo partir mais uma vez, você leva novos pedaços meus, eu dou a luz a novos vazios em mim, tento preenchê-los em seguida com imbecilidades, não consigo, e quando estou me apaixonando pelas ausências que moram em mim, bam! lá vem você se aproximando de mim de novo e de novo e mais uma vez num looping infinito. Por isso da próxima vez que você chegar, por obséquio, respeite a placa que pendurei em mim: “é proibido preencher os meus vazios”.

2.12) VAZIO DE VAZIOS

Seu vazio tocou no meu vazio.
Meu vazio comeu o seu vazio.
Agora o seu vazio está em mim.
E o meu vazio está cheio
Do seu vazio.
E o seu vazio está vazio
Do meu vazio.
Há algo pior do que estar
Vazio de vazios?

2.13) DESINVENÇÃO

Já faz 14 rugas que nos separamos. Há 16 celulites que você foi embora. Há 8 quilos eu não sinto a sua pele acordar a minha. São 5.110 dias sem você, 122.640 horas sem a sua presença, meia cabeça de cabelos brancos, chamados carinhosamente de “loiros alternativos” pelo meu cabeleireiro novo. É estranho perceber que você foi completamente reduzido a números na minha vida. Quando você foi embora eu tive certeza de que morreria de dor na alma teria sido mais fácil se isso tivesse acontecido-, depois me conformei com o fato de que a minha avó dizia a verdade quando jurava que ninguém morre de amor, e aos poucos me acostumei com as minhas dores. Depois me apeguei a elas – o ser humano é terrível, se acostuma com tudo – depois, ainda, me apeguei aos efeitos colaterais dos antidepressivos, aí descontei minhas infelicidades na comida, depois recuperei minha vaidade na reeducação alimentar. Então reencontrei um pedaço da minha autoestima nas próteses de silicone e só agora me dou conta de que nem você e nem os antidepressivos e os ansiolíticos que o médico me receitou trazem mais notícias de mim. Já não consigo sequer acreditar que um dia eu amei você, que um dia tivemos coisas em comum e que passamos um bom pedaço de vida juntos. Esqueci como você se dava bem com a minha família, me parece que foi em outra vida que quando você piscava pra mim só com o olho direito com cor de

quem seduz-sem-querer-querendo, uma parte obscura minha se derretia toda, que nem nhá-benta na boca. Não me lembro mais de sentir amor ou raiva por você e nem por que raios eu não te mandei embora antes de você ir, se no fundo me parece que eu nunca te amei de verdade, só dei uma enlouquecidazinha que me custou caro. Você me causou demência da mulher que fui. Pensei que das coisas que vivemos juntos, me restariam as lembranças e as fotos. Mas não sou eu naquelas fotos, é apenas alguém que se parece muito fisicamente comigo e as lembranças que tenho parecem ser da vida de outra pessoa. Nada do que vivemos diz de mim. O tempo levou tudo embora. Faz 150 momentos de alegria eufórica que você se foi. São 377.254 de instantes de paz desde que fecho os olhos e você não está dentro de mim. Faz quase 20.000 tesões que meu corpo não se lembra de você. Há 1.652.002 brilhos nos olhos que você não aparece por aqui. Às vezes tenho a sensação de que inventei o que eu senti por você assim como eu inventei todos esses números pra desinventar você. O que eu invento e desinvento é muito mais verdadeiro do que a realidade.

2.14) DO QUE CONECTA

Quando você foi embora levou o brilho nos olhos que eu nem sabia que tinha, levou o vigor da minha pele que eu nunca tinha percebido, levou o levíssimo frio na barriga que eu sentia todas as manhãs e achava que era vontade de ir ao banheiro, levou o colorido natural dos meus cabelos que se esbranquiçaram, levou a força que eu tinha pra por ordem na rotina dos nossos filhos, levou o meu automatismo de varrer a casa todos os dias, levou a minha obsessão por lençóis esticados, levou os deliciosos choquinhos que eu sentia embaixo da língua quando comia carne mal passada, levou o gosto de todas as comidas, levou a sensação de entorpecimento que o vinho me causava, levou a minha concentração para trabalhar, levou a cor e o calor dos móveis da casa, levou a minha capacidade de entender o mundo.

Mas por algum motivo eu fiquei. Ou, ao menos, algo de mim que faz com que eu ainda me reconheça, apesar de tudo. É tempo de me reconstruir. Mas para fazer uma construção na realidade é preciso primeiro encontrar um chão. É certo que eu tenho um, visto que eu não enlouqueci, ou, que não enlouqueci o suficiente para parar de me preocupar com a realidade. Nossos filhos estão bem, sequer apresentaram problemas de comportamento, falta de educação ou de notas, o que me faz entender que não estou inteiramente mal.

Costumo dizer às pessoas que os nossos filhos (que agora chamo de meus), são o meu chão. Mas é certo que isso é peso demais a uma criança, ser o chão de alguém. E é certo que se eles fossem o meu chão mesmo, e sendo eles a encarnação da maior conexão que continuo tendo com você, eu teria pirado. Então, há algo antes dos nossos filhos, que é o meu chão.

Tento lembrar como era a minha vida antes de você, visto que de chão não se muda, mas as lembranças que consigo evocar me são tão vagas que parece um filme. Me lembro de um, dois ou três ex-namorados e sou pega pela lembrança de ausência de chão desde os meus 12 anos de idade, com um amor platônico que eu tinha na escola. Eu já tinha um chão para perdê-lo, desde tão jovem? É claro que eu tinha.

Me dou conta, então, de que o meu chão não são os nossos filhos, meu saldo na conta corrente, a juventude do meu corpo ou o seu amor por mim, mas a minha capacidade de fantasiar. Estou descrente da vida tal como fiquei aos doze anos de idade. Mas naquele tempo tudo passava muito mais rápido. Agora o tempo parece ser eficaz fora de mim, mas não aqui dentro. Talvez seja por isso que eu ande vomitando tanto – uma tentativa de conectar meu lado de dentro ao meu lado de fora. Talvez, então, nossos filhos realmente sejam o meu chão, pois mais do que me conectarem a você, conectam o meu lado de dentro – meu útero, minhas vísceras, minha genética – ao lado de fora – a vida.

2.15) AUTOFAGIA

Meu corpo deseja o seu corpo vivo. Mas o corpo seu que está aqui é outro. Seu corpo está morto e gelado, embora não pare de se mexer, com sua irritante síndrome das pernas inquietas e ranger dos dentes, é um corpo que não mexe mais comigo.

No entanto, o seu corpo vivo, que tanto desejo, já não está mais em você, mas em mim. Seu corpo vivo está impregnado nas minhas vísceras, decorado com as minha tripas, enroscado na podridão da minha existência.

Queria poder separar-te de mim, queria limpá-lo e garantir que aquilo que é seu e aquilo que é meu ficassem marcados por uma distância mínima. Acho que é o que você tentava fazer com o guarda-roupas. Olha, esse lado é seu, aquele é meu. Mas que raios está fazendo a sua camiseta entre as minhas? Oras, é só uma camiseta, não seja tão ranzinza, eu dizia, sem ter a menor ideia de que não era a minha camiseta que invadia o seu guarda-roupas, mas era eu com todo o meu exagero no amor, que assaltava a sua subjetividade. Então, ao seu modo, você sempre se separou de mim. Eu só me dou conta tardiamente do quão isso é necessário. E agora já não posso fazer isso sozinha, preciso que você me ajude. Olho para dentro de mim e não sei o que é seu e o que é meu. Preciso saber o que é seu, para poder lhe devolver.

No entanto, você não pode me ajudar, por estar soterrado em mim. Você está bem vivo dentro de mim, ainda que o meu desajeitado modo de te amar esteja vampirizando a sua existência. Fora de mim, seu corpo parece morto. Seu toque é gelado ou sou eu que não sinto mais o seu calor? Seu olhar não se fixa mais a um ponto ou são os meus olhos que se distraem demasiadamente fácil dos seus?

E esse vazio, que está morando em mim, é meu ou é seu? Eu sempre tive um vazio em mim, mas agora parece que este meu vazio está cheio de outros vazios, que já não sei se são filhos dos meus vazios ou se são os seus malditos vazios enchendo o meu. Eu sei que você resistiu a me amar, que lutou o quanto pôde para manter o mínimo de distância entre nós, como que estando advertido do caos que faríamos com as nossas almas se nos aproximássemos demasiadamente. Mas o amor está justamente em saber a medida de aproximação e de distanciamento. Esse emaranhado de existências, onde já não se sabe o que sou eu e o que é você, certamente não se chama amor. Mas talvez se chame excesso de amor. Será que o excesso de amor mata o amor? Eu acho que sim. É como um estômago se auto-devorando. O Google me disse que o estômago não devora a si mesmo porque há um muco que o protege dos próprios sucos gástricos que ele produz, a fim de digerir o alimento. Eis que no amor também é assim. Alguém tem sempre que dar um passinho pra trás pra garantir o muco protetor do amor, que impeça que a gente se devore. No momento em que você titubeou no passinho pra trás começou o nosso auto-

devoramento. E assim o nosso excesso de amor tem matado o nosso amor, um pouquinho mais a cada segundo. Acho que terei que esperar que a parte sua se corroa dentro de mim pra que eu possa conseguir recuperar os meus contornos. Mas como permitir que o amor morra em mim, sem que eu morra junto com ele?

2.16) ESPELHOS

Sei que te amo porque sinto saudades mesmo quando estou perto de você, colada a você. Mesmo perto, nunca é perto o suficiente.

E por querer estar ainda mais perto, confundo a distância entre nós. Penso ser capaz de ler seus pensamentos, de saber o que você pensa das minhas amigas, de ouvir sem você dizer seus comentários sobre as notícias do dia.

Penso que você sabe mais de mim do que eu mesma, visto que é quase parte de mim, sem, no entanto, ser parte de mim. Estou demasiadamente perto de mim mesma e por isso não posso me ver com nitidez. Já você, pode.

No entanto, o que ignoro é que há uma estrada entre nós. Embora você possa me ver com clareza, só sabe me ver a partir dos seus olhos, a partir da sua vida, a partir dos seus traumas e das suas alegrias. Então quando você fala de mim, fala de quem eu sou pra você. Mas quem eu sou pra você não equivale a quem eu sou pra mim.

Eu queria ser vista pelos meus próprios olhos sem que eu fosse eu mesma.

Queria me duplicar, para me ver de fora, sem deixar de me ser.

Só eu posso dizer de mim, no entanto, por me ser, não posso confiar no que digo.

Quando olho no espelho, a imagem ali refletida parece revelar apenas um pedaço muito frágil de mim. Quando escrevo, as palavras que saem de mim parecem carregar tanto dos outros que sequer as reconheço como minhas.

Há uma estrada entre nós e isso me apazigua. Mas o que de fato preciso é de uma estrada entre eu e mim.

2.17) DOSE DE MALDADE

Ela fica muito mais bonita quando está triste. Quando alegre, tagarela demais, quando triste, silêncios escorrem por seus poros. Eu amo os silêncios que ela carrega. Mas na maioria do tempo ela esconde os seus não-dizeres de mim, falando trivialidades o tempo todo, me fazendo dizê-las também. E como um espirro que não se pode evitar ao entrar num sebo, acabo sendo cruel com ela. São pequenas crueldades, comentários mínimos, mas que a desmontam, eu sei fazê-los bem. Tenho uma destreza digna de um cirurgião neurológico com palavras pesadas. Pequenas palavras, que isoladamente não significam nada, que para outras pessoas não pesariam, mas quando saem da minha boca na ordem que as escolho dizer e chegam nos ouvidos dela, causam um mistério. E então fico na expectativa de que ela se enraiveça, de que me xingue, de que diga coisas importantes. Mas as minhas palavras não a provocam, matam partes dela. E o resultado é que esse silêncio, ao tocar a pele dela, torna-a a mulher mais bonita desse mundo. Às vezes me empolgo na dose de maldade em uma palavra e a triste beleza dela dura por dias. Aos poucos ela vai se definhando lindamente. A partir do segundo dia começam a aparecer buracos lilás embaixo dos olhos dela. Eu não a olho, que é pra fertilizar a tristeza dela. Mas vez em quando meu olhar, que a atravessa, como se ela não existisse, como se eu pudesse ver

claramente o fogão que está atrás dela ou qualquer outra coisa exceto ela, captura um pedaço dela. Isso se chama olhar panorâmico. Quando olhamos uma coisa, vemos mais do que nos propomos a olhar. Então, meu olhar panorâmico se delicia nas piscinas levemente arroxeadas embaixo dos olhos dela. Prefiro quando ela não tenta disfarçar com maquiagem. Por isso é melhor quando brigamos na quinta-feira, pois então no sábado estamos em casa e ela não se maquia. Ela para de comer. E em três dias emagrece cerca de três quilos. Sua pele se empalidece e eu posso ver minhas palavras maldosas correndo com seu sangue pela pele quase transparente. Ela parece que vai morrer, de tão frágil que é. Eu não consigo tirá-la desse estado, talvez porque eu não saiba pedir desculpas, talvez porque eu me apaixone por ela nessa condição. Ela se lambuza com as tristezas e com as angústias da vida como uma criança de três anos comendo sorvete sozinha. E um dia ela acorda fortalecida, começa a ganhar cor de novo, as palavras voltam a habitar e a pular da boca dela e eu fico muito aliviado por não tê-la matado com minhas palavras. Penso que não farei mais isso, não posso gostar de fazer mal para a pessoa que amo. Penso que vou procurar um analista para falar disso. Penso que sempre penso as mesmas coisas e nada muda. Penso que penso demais. E quando me dou conta vejo que quando ela se fortalece sou eu que me enfraqueço e caio no buraco do silêncio. Então, quando consigo dizer alguma coisa, uma pitada de maldade se atravessa temperando ao menos uma das minhas palavras, e eu me fortaleço novamente.

2.18) O VAZIO DO SOL

O sol tem luz própria, as galáxias têm luz própria, mas eu sou só (mais um) planeta, sem luz própria.

Quando foi que eu fiquei tão dependente da luz que é o seu olhar?

Imaginei que a tristeza fosse acontecer quando eu olhasse para fora de mim e visse tudo negro. Mas o escuro é a presença de todas as cores ao mesmo tempo. Eis que tudo está branco, que é a ausência de todas as cores. O mundo virou uma grande massa, onde cada coisa não é cada coisa, mas sim uma grande massa do meu vazio.

Quando foi que fiquei tão dependente do seu olhar? Sou puro outono, onde folhas não param de cair. De que importa elas serem coloridas se nenhuma delas se fixa a mim? Olho para fora e só vejo o vazio de dentro. Quero dizer e calar ao mesmo tempo, então só o que consigo fazer é deixar a angústia correr pela minha mão que segura a caneta. Por enquanto. No dia em que esse fim terminar, nem mesmo o feixe de vida que faz a caneta desenhar letras, terá vida para isso. Assim como começamos a morrer no momento em que começamos a nascer, também o nosso amor começou a morrer no instante em que começamos a nos amar. E quando esse fim terminar de acabar? O que será de mim? Serei? Como não doar cada pedaço da minha existência a esse amor? Como deixar o amor morrer e continuar viva? Como não definhar enquanto assisto o

desejo que você tem/tinha por mim virar defunto? Escrever me é patético porque não me salva. Não me exime da dor e nem me safa da morte. A Torre Eiffel, a de Pizza, a do Senhor dos Anéis, a do jogo de xadrez que não aprendi a jogar, são pedaços de morte se seu olhar não se dirige a mim.

Quero engolir o mundo inteiro para poder depois expeli-lo. Quero me vomitar. Ou me autofagocitar. Quero me corroer. Mas tudo continua igual. O meu corpo, o seu, o alinhamento dos planetas, nada mudou. As galáxias não brilham mais ou menos porque você me ama mais ou menos. O sol não para de nascer ou de se por, todo maldito dia, dependendo do que você sente por mim. As pessoas não deixam de se casar, buzinar, nascer, morrer ou dirigir embriagadas por causa disso. A vida é uma falta de respeito com os mortos-vivos. Preciso eliminar cada célula minha marcada por cada vez que seu olhar pousou em algum pedaço da minha existência pra que eu possa me recuperar. Preciso parar de escrever pra poder morrer. Preciso me deixar assustar pela fragilidade que me habita. Preciso admitir alguma coisa inadmissível. Preciso aprender a trocar de pele, tal como as cobras. Posso me esquecer de você com a minha razão, inteligência, cognição. Mas não posso me esquecer de coração. E há um maldito coração em cada célula minha. Não há como autorizar a minha existência sem você ou sem que algumas das minhas células permitam que meu coração continue palpitando em alguma delas. É por isso que só posso morrer.

2.19) COMO SABER?

Se as coisas começam a acabar quando começam, como saber quando o fim termina de acontecer?

Se eu não sei sequer o momento de jogar o meu rímel ou o meu delineador fora, pois eles sempre me parecem conter algum líquido ainda, como saber quando um relacionamento acabou?

Coloco água pro xampu durar mais, abro os meus cremes com a tesoura e encontro ali mais uma boa porção, mas com a gente eu não sei se funciona assim.

Depois de tanto tempo de relacionamento, me parece que aceitar que o nosso fim terminou de acontecer, é jogar o tempo do nosso amor fora.

Ainda bem que temos os nossos filhos. Por meio deles vou poder te amar pra sempre, visto que eles são a coisa mais preciosa que tenho no mundo e que eles são 50% seus.

E se eu reconhecer que o nosso fim terminou de acontecer, como farei pra poder te odiar (só por meio do ódio é possível se desconectar do lado apaixonante do amor) sem transmitir esse ódio pros seus 50% das crianças?

Eu serei capaz de dissociar você delas?

E se a gente tiver um jeito, entre um milhão, de dar certo, e eu tentar só os novecentos e noventa e nove mil?

Em que momento nosso fim terminou de acontecer?

Naquela noite de domingo entediante? Naquela careta que fiz ao provar aquela cerveja ruim de trigo que você tanto ama?

No instante em que uma desconhecida semi-gostosa piscou mais forte pra você no mercado?

Quando você dobrou a esquina? Quando eu dobrei a esquina?

Quando você, ao virar de lado na cama, me roubou a coberta naquela noite, o que foi que esfriou junto com o meu corpo? Será que quando eu me esqueci de salgar o feijão deixei insossa toda a nossa história? Será que em meio à sua mania de lavar as mãos mais do que o necessário, você levou o nosso amor para o ralo?

E por falar em amor...

É impossível se conformar com um final onde ainda há amor. Ainda não posso compreender a insuficiência desse sentimento tão poderoso. Assim dizem que é. Como pode o amor entre duas pessoas não ser o suficiente para mantê-las juntas?

Existe amor, existe respeito, mas entre nós a interpretação de texto já não reina. Desde que nossos vocabulários não falam mais a mesma língua o nosso amor parece ter encarnado a minha metáfora do rímel.

Ele está vazio, mas alguma coisa deixa traços sempre que mexo nele. Fico pensando que a escovinha dele ficaria melhor num pote cheio, mas o amor pelo potinho vazio não permite que eu me livre dele.

2.20) ESQUECER

Será possível te esquecer vestindo a mesma pele com a qual eu te amei?

Não posso continuar vivendo sem te amar nem habitando a mesma casa – que foi inteira tocada por você.

Por isso sei, se quero esquecer um amor, é preciso trocar de pele.

Como são sábias as cobras!

Trocar de pele para esquecer um amor: é o único modo possível!

Quando te amo demais, como demais também. Minha psicóloga disse que é porque fico feliz e que há pessoas que quando estão felizes, comemoram a felicidade comendo. Pois eu acho que é uma falácia reducionista. Eu como muito e engordo muito quando está tudo bem, que é pra poder ter mais pele e sentir o seu amor em mais pedaços do meu corpo. Pra poder ter mais pontos de contato com o seu toque.

Ou talvez eu engorde para por seu amor à prova. Não posso acreditar no amor de um homem que só se faz presente quando meu corpo lhe agrada. É preciso que eu lhe desagrade, que eu te cause sofrimento, que eu te maltrate e que ainda assim você fique. É preciso que ao menos uma parte sua continue me desejando,

ainda que você ache que não me queira mais. Ela te mostra que você não manda em você mesmo. Só consigo sentir o seu amor como aquilo que escapa ao seu próprio controle.

E se quando você não me ama, deixo de comer, não é porque quero emagrecer, mas porque preciso existir menos. Quanto menos corpo, menos dor. Preciso pesar muito pouquinho pra sentir só um pouquinho a dor de ser desamada por você. Preciso ter só um tantinho de pele, existir só o mínimo necessário para suportar o meu corpo sem o seu desejo.

Só posso continuar vivendo se for outra e não a mesma.

2.21) NÃO PISE NO MEU VAZIO

Entre mim e ti há um vazio.

Amar é permitir que o outro brinque com os seus vazios. Desamar é quando o outro enche o vazio com o qual lhe foi permitido brincar. Não encha os meus vazios. Não encha o meu saco. Quero o meu saco cheio de vazios. Deixa eu brincar com o seu vazio. Ops, mas esse vazio seu ficou melhor em mim do que em você. É que os vazios combinam mais comigo. Que vazio seu, que nada. Esse vazio aqui sempre foi meu. Sou uma cleptomaníaca de vazios. Roubo vazios alheios porque eles sempre ficam melhores em mim. Mas quando pego o seu vazio para mim, na verdade o duplico, eu fico com um vazio a mais em mim e você continua com o seu vazio. Eu nunca encho os meus vazios, mas de vez em quando alguns deles simplesmente desaparecem. Puft! Mas eu não percebo, e então ele passa a nunca ter existido. É como desamar. Desamar é como nunca ter amado. Depois que o meu amor passa, na verdade eu nunca amei. Ou o amor está vivo ou nunca existiu. Por isso o amor é eterno. Os vazios também são eternos. Se está cheio é porque nunca esteve vazio. Há alguns vazios que eu tento matar, preenchendo-os. Mas não consigo. Eles estão transbordando, e ainda assim, vazios. Impreenchíveis. Não pise no meu vazio, não o preencha. Vista-se de vazios quando vier me ver. Se enfeite de

furos, me conquiste com suas faltas, me deixe sentir a sua falta. Vou fazer um poema lindo conjugando as suas faltas com os meus vazios. Não se assuste. Não se engane. Eu não quero o que você tem para me oferecer, eu quero o que você não tem para me oferecer. Eu quero ser o seu vazio.

2.22) PROMETO NÃO TE PREENCHER

O meu vazio, quando percebido por mim, me faz ter vontade de ficar ainda mais vazio.

Por isso eu te peço:

Esburaca-me

Para depois me preencher

Só um pouquinho

Apenas um buraco de cada vez

Ou dois

Ou três

E então

Causa-me mais buracos

Para poder sempre

Me preencher mais

Permita que eu te

esburaque também

Prometo não te preencher

Mas preciso te furar

2.23) CONFISSÕES SOBRE UMA TENTATIVA DE ESCREVER

Queria escrever por uma questão de vida ou morte, mas escrevo só por hobby.

Queria escrever com o ventre, com as tripas, com sangue, com as vísceras.

Mas escrevo apenas com as mãos. Com uma das mãos, mais especificamente.

Queria escrever por necessidade, mas escrevo por desejo.

Queria que escrever fosse grave para mim, queria escrever verdades rebuscadas, denunciar segredos do universo. Queria estar à beira de um abismo, onde a palavra fosse minha única possibilidade de me ancorar na terra ou na realidade.

Mas escrevo porque viver uma vida apenas parece pouco para mim. Porque morar em um só corpo é insuficiente, porque as palavras me permitem brincar de morar em vários corpos.

Escrevo porque me sinto claustrofóbica nos meus pensamentos, porque tenho mini crises de ansiedade que parecem um excesso de mim dentro de mim.

Escrevo porque escrever piora, ao invés de aliviar. Escrevo porque há certo masoquismo morando em mim. Escrevo porque não posso

sair de mim e ser outra, mas só posso me ser se eu for outra dentro de mim.

Escrevo porque leio. E ler, sim, é coisa grave. Escrevo antes, durante e depois de ler na tentativa de simbolizar o que eu leio. Tal como uma criança que foi submetida a exames médicos, repete a experiência vivida com seus brinquedos depois. Escrevo como quem se vinga.

Escrevo porque amo e não sei o que fazer com o tanto de amor que sinto. Escrevo porque se eu dirigir todo o amor que sinto ao meu amado, lhe enforcarei com um abraço, lhe asfixiarei com um beijo. Escrevo para manter meu amado vivo e para não assustá-lo demasiadamente com meu sentir. Escrevo porque posso escrever. Escrevo porque não posso jogar meu corpo de um penhasco e escrever sobre a experiência depois. Escrever é me jogar de um penhasco com palavras. Escrever é o meu modo de me manter viva.

3) DO QUE PREENCHE E
ESVAZIA AO MESMO TEMPO

3.1) CARO AMOR DA MINHA VIDA

Aguardo ansiosamente pelo dia do nosso encontro. Não sei se acontecerá, pois dependemos de muita sorte. Somos sete bilhões de pessoas no mundo e eu só tenho uns trezentos amigos no facebook e confesso que não conheço todos pessoalmente.

Minha vida anda difícil, às vezes tenho umas tristezas repentinas, às vezes umas alegrias doloridas, às vezes tudo fica tão mais ou menos... Sei lá, sempre me parece faltar alguma coisa, quando sei que na verdade não falta nada e isso é muito estranho. Por isso anseio pelo dia do nosso encontro, que será lindo.

A partir desse dia eu vou te amar muito e você vai me amar de volta na exata proporção que eu te amar. Eu nunca vou duvidar do seu amor por mim e você sempre terá a mais absoluta certeza do meu amor por você.

Quando eu disser alguma coisa você sempre escutará o que eu quis dizer e não o que eu disse, e os mal-entendidos da linguagem não habitarão nosso amor.

Quando eu estiver triste você saberá, e me encherá de mimos. Se bem que se eu tiver você, então não ficarei triste. E nem você ficará irritado, entediado ou bravo, pois terá a mim: o amor da sua vida.

Quando eu estiver me sentindo esquisita num domingo à noite, com vontade de comer alguma coisa que não sei o que é, você irá cozinhar para mim ou comprar algo na padaria e certamente vai acertar. Se bem que eu não me sentirei esquisita e nem terei vontades desconhecidas em mim, pois você irá me preencher com seu amor.

Não precisaremos de amigos ou de filhos, pois seremos incrivelmente felizes juntos, sem precisarmos de mais ninguém.

Não iremos viajar, pois seremos plenamente realizados na nossa própria casa.

Não vou fazer uma pós-graduação e nem você vai almejar uma promoção no trabalho, pois a felicidade sempre reinará entre nós.

Eu não sofrerei com tpm e nem terei crises existenciais achando que não tenho tantas roupas quanto eu queria. Você não desejará outras mulheres nem mesmo em pensamento e também não quererá jogar futebol com os amigos às quartas-feiras.

Não teremos discussões de relacionamentos, nem crises de ciúme e nem um sexo caprichado depois de uma briga.

Pensando bem, amor da minha vida, eu prefiro que você não apareça.

3.2) ONDE ACONTECE O AMOR?

Às vezes tenho a sensação de que o amor é um sentimento que acontece em outra dimensão. Em outra vida. Talvez no resquício de uma vida passada, talvez no aviso de uma vida futura, talvez numa realidade paralela.

Amor é sombra de algo que não se vê, não se toca, não se diz.

Talvez isso explique por que continuo lhe amando mesmo quando deixo de gostar de você. Ainda quando te acho desagradável, babaca ou desprezível, sou invadida por uma vontade de lhe beijar que não condiz com as coisas que penso e nem com as coisas que sinto.

É como um excesso de mim mesma, onde não consigo me reconhecer.

Amor é sombra sem reflexo no espelho. Amor é palavra que não devia ter significado no dicionário. Amor é aquilo que eu te digo e você não entende. Amor é isso que não encontra respaldo no terreno do sentido, é isso que não entendo com a lógica, mas transbordo de entendimentos por cada poro da minha pele.

3.3) A CHUVA

Ela olha pela janela. Pessoas passando, chuva passando, tempo passando.

Dói-lhe a cabeça. Luta para não se render às aspirinas, tentando descobrir o porquê da dor de cabeça. Às vezes funciona. Quando descobre algo excessivamente inacabado em seus pensamentos, a cabeça já não precisa mais doer para lembrá-la daquilo, e então consegue curar a sua própria dor. Pelo menos a da cabeça.

Nesse momento, enquanto mentalmente retoma os últimos acontecimentos, é acometida por uma invasão de lucidez. Relâmpago de consciência. Um raio na cabeça. E, ao olhar na janela, vê um borrão. Não vê a vida passar, mas vê a vida querendo ficar. As coisas e as pessoas (qual é a diferença?) ganham tons fortes, cores salgadas, brilhos opacos, movimentos articulados.

Pensa: – Será? Duvida das coisas que passam por sua cabeça. As coisas ganharam vida ou seria ela que tinha ganho um olhar? Porque vocês sabem, ver e olhar são coisas muito diferentes. E é isso que ela pensa: que tinha ganho um relâmpago de olhar. Olhar é coisa que ultrapassa o sentido da visão.

– Olhar arrepia, né? – quase pensa alto. Difícil isso de olhar as coisas fora de você. Dá até uma dorzinha cretina no peito... mas

boa.

Às vezes, é tão ensimesmada que se esquece que as coisas ao seu redor também têm vida.

Fazia tanto esforço para se manter viva, que a cabeça latejava. Dor de cabeça. Dor essa, que não era localizada, espalhava-se. Para lembrar que tinha uma cabeça, ela doía.

Às vezes isso também acontecia com o corpo. Doía para lembrar que existia. Porque ter um corpo lhe era angustiante. O corpo é uma prisão, onde se está condenado a passar a vida. Claustrofóbico!

Queria não ter um corpo, e sair se esparramando mundo afora...Teria coragem para isso? Alguém tem?

E, da janela, passando pelo túnel da visão, atingindo o olhar, ela sentia as coisas fora de si acontecendo. E refletindo dentro de si. Estava presa dentro de seu corpo. E isso era viver.

3.4) SOFIA

Algo lhe doía. Não sabia o que, não sabia onde, não sabia por que. O que sabia é que de fato doía, e era assim desde sempre. Às vezes se esquecia da dor, às vezes se lembrava dela. E podia ser qualquer coisa a desencadear a coisa doída. Tinha dias que era uma palavra que despertava a dor (desperta-dor?), às vezes era um gesto, uma cena, um acontecimento. Aí respirava bem fundo e sentia que o ar lhe faltava. Como se a dor tivesse tomado o vazio do peito dela, roubando o lugar do oxigênio que lhe era necessário para respirar. Respirava fundo, várias vezes, e algo lhe distraía, tirando-a daquele desconforto, que era quase um deleite; tirando-a daquele lugar que era perceber que a dor existia. Mas essa dor era dor de que?, perguntava-se, intrigada.

Foi a um psiquiatra, que receitou-lhe antidepressivo. Foi a um gastro, que recomendou-lhe fazer uma endoscopia. Foi a um pneumologista, que lhe pediu um teste ergométrico. Foi a um cardiologista, que a encaminhou para um exame cardiovascular. Foi a um psicólogo, que procurou um motivo em sua história para explicar a dor da moça.

O fato é que doía e ela não sabia o que era. Aliás, desconfiava que talvez nem fosse uma dor. Desde pequena lhe diziam que a dor era ruim, mas sabia que aquela não era. Ao menos não era algo do qual

ela quisesse se livrar tão rapidamente. A curiosidade lhe intrigava mais do que a dor. O que é que doía? Era curiosa e queria saber.

Pensava, às vezes, que essa dor, nem dela era. Parecia mais que era “dor de mundo”, a qual havia tomado emprestada. Dor de criança sem beijo de mãe para dormir à noite, dor de cachorro com a pata quebrada tentando atravessar a avenida, dor de bebê com cólica, dor de velhinho que não tem onde passar o natal, dor de gente que tem câncer terminal e não tem visita, dor de existir, dor de morrer. Dor de consciência, dor de lucidez. Pode? Pensava ela.

E aí vinha uma vontade súbita de salvar o mundo, acompanhada de uma espécie de culpa por ser alegre. Como é que eu tenho coragem de ser tão feliz num mundo tão sofrido? – Pensava. Mas sabia que isso era só pra distrair. Não havia culpa. O que havia era uma questão. Trechos de livros de Clarice Lispector a perseguiram obsessivamente: “Viver não é lógico” ou “Ser feliz é para se conseguir o quê?”. E na ausência de respostas que fizessem os pensamentos pararem, na ausência de certezas absolutas, a dor aparecia, bela e exuberante.

Junto com a dor, aparecia, então, o desejo de fazer a sua vida ilógica, a sua pequenez “valer a pena”, como ouvia dizer. Aí fazia trabalho voluntário, doava sangue, medula óssea, cuidava de cães e dizia que era para o outro. Mas no fundo sabia que aquilo tudo era para si mesma. Para poder criar espaço no peito para o ar entrar. Porque precisava respirar. Porque era assim que sentia que a vida passava pelo seu corpo.

3.5) DISFARCE

É uma constante tensão. Eu quero te curar de você, você quer me curar de mim.

Você era tão organizado, até eu aparecer na sua vida. Nada fora do lugar, camisas organizadas por cores, rotina milimetricamente calculada. Eu cheguei desorganizando tudo, largando calcinha no banheiro, pares de brincos no criado-mudo, livros que esqueci que estava lendo em cima do sofá. No começo você se irritou e eu achava que era porque você pensava que eu estava querendo marcar território, porque você teria que fazer um checklist mental antes de levar outra à sua casa ou ao seu carro. Depois descobri que você se irritava porque eu interferia agressivamente no seu modo de viver e de se relacionar com as coisas do mundo. Aos poucos você foi se irritando cada vez menos, e hoje, nos dias em que o bom-humor mora em você, faz piadas dos meus hábitos de nunca colocar a mesma coisa no mesmo lugar em que já estive antes.

Eu era tão desorganizada, até você aparecer na minha vida. Não é que hoje eu seja organizada, mas é que hoje eu sei esconder melhor a minha desorganização de você. Talvez você também seja apenas mais discreto com os seus degradês. Mas eu continuo querendo te desorganizar e você continua querendo me organizar. A

isso chamo de nos curar. No momento em que conseguirmos nos curar, deixaremos de nos amar.

Não posso permitir que você me cure de ser quem sou, pois então não serei mais eu quem lhe amo, mas a mulher que você quis que eu fosse. Você não pode me curar de mim e continuar me amando, pois o amor é justamente essa constante tensão que põe as almas em movimento. No instante em que se atinge um objetivo duas coisas podem acontecer: ou se constrói outro, ou o jogo acaba.

Por outro lado, embora eu não permita que você me cure de mim não posso ignorá-lo de todo. Pois quando me dou ao luxo disso te desconcerto. A certeza de que seu desejo não interfere no núcleo do meu ser te é enlouquecedora.

Preciso sempre disfarçar os meus saberes de ti, tornar o enigma suportável, tornar o que há de não compreensível em mim em tons que não sejam fluorescentes aos seus olhos.

Por isso é sempre preciso uma pitada de condescendência, ainda no meu ponto mais rebelde. Será isso o amor? Carregar no próprio corpo a fraqueza do outro, e então disfarçá-la para que não se saia correndo?

3.6) MAS NÃO MUITO

Quero uma pessoa que me ame, mas não muito. Que sinta um pouco de saudades, mas não demais. Que se eu for viajar, vá a um bar ou um parque, feliz da vida. Que eu não me sinta responsável pela felicidade dela. Que sobreviva muito bem, obrigado, sem mim. Que torça pra que eu saia só com as minhas amigas de vez em quando. Que ache o máximo que eu queira fazer coisas sem ela. Quero um homem que olhe para os lados. Que veja outras mulheres. Que deseje outros corpos além do meu. Que não se angustie demasiadamente quando me pegar olhando para os lados. Que saiba que também desejo outros corpos. Que não se entristeça diante da falta de freios do meu desejo, mas que também não o comemore. Quero um homem que deseje ser único para mim e que me faça única para ele. Não quero um relacionamento capitalista, onde todos são substituíveis, mas também não quero um relacionamento socialista onde todos são de todos. Quero ser de alguém, mas não inteiramente. Um pedaço meu tem sempre que estar sem dono, um pedaço meu tem sempre que ser de ninguém, nem mesmo meu. Preciso de um pedaço meu que não tenha bússola nem nome e que me permita que ainda que eu morra de amores ou de desamores por este homem, ainda assim esse pedaço meu, que ficou de fora de tudo isso, sobreviva. E cure todo o resto de mim. Quero um homem que se apaixone não pelo que ele

tem de mim, mas por esse meu pedaço que nem meu é. Que ele deseje arduamente essa minha parte que nunca será dele. Que ele adoça de desejo por essa parte. Que ele perca noites de sono angustiado por não ter tal parte, mas sem sequer reconhecer a causa de sua angústia. Que ele sinta seu peito formigar, sua boca amortecer, que seus olhos sequem, que seu estômago se revire e que ele não controle suas ereções e nem seus esfíncteres, tudo porque deseja aquilo que não pode ter. Quero que ele se enraiveça comigo por causa disso, que sutilmente ele implore para que eu ceda esse meu pedaço a ele, que ele guarde essa raiva e a deixe explodir na hora do sexo de uma segunda-feira de madrugada. Quero que ele esfole os joelhos existencialmente de tanto se arrastar pelas arestas do seu pensamento tentando entender o que é que faz com que seus olhos tremeliquem todos os finais de tarde. Quero um homem que se deixe seduzir pela minha loucura e que não recue diante dos seus próprios mistérios. Quero um homem que me proteja da loucura dele e da minha também. Para isso, é preciso que me ame, mas não muito.

3.7) ENSAIO SOBRE UM MANUAL DE INSTRUÇÕES

1) Não me diga quem você é, por favor.

(É tão bom esse ar de mistério que envolve o espaço entre os seus olhos e o meu olhar.)

(É encantador esse espaço de desejo de saber que existe entre as palavras que [não] saem da sua boca e os buracos dos meus ouvidos.)

2) Conte-me de você, mas só um pouquinho.

(Um pouco mais, por favor.)

(Mais um pouco. E então se cale.)

3) Mantenha seus segredos perto de mim o suficiente para despertar a minha curiosidade.

(E longe o suficiente para não acordar a minha vontade de lhe apedrejar por não ser inteiramente quem eu queria que você fosse.)

4) Escute os meus devaneios.

(Desenhei uma fantasia linda pra você usar, escolhi o tecido com os olhos e com as mãos, fiz um curso de corte e costura pra que eu mesma pudesse confeccioná-la, coleí lantejoulas e espalhei purpurinas em uma máscara que você vai gostar.)

(Mas sei que nada substitui o prazer de ver a sua nudez. Não toda a sua nudez, uma parte dela.)

5) Mantenha alguma distância.

(Quero continuar te querendo e quero continuar querendo te querer, por isso você não pode se entregar inteiramente a mim.)

(Quero acabar com os seus segredos, por isso você deve se afastar de mim, sorrateiramente, enquanto eu estiver tentando te hipnotizar com meus olhos de desejo.)

6) Ceda ao toque das minhas mãos, que enquanto dedilham as suas costelas e descem por ela abaixo, te contam pequenos pedaços de segredos do universo.

7) Recue diante da minha transparência, ela é quase sempre forjada.

8) Obedeça aos sinais que eu lhe envio.

(Meu olhar te convida a participar da minha alma e meu corpo te afasta discretamente quando é hora de você ir embora.)

9) Vista a fantasia que eu fiz para você.

(E se dispa depois. Você de verdade é muito melhor do que o papel que eu escrevi pra você, mas eu jamais admitirei isso.)

10) Ignore todas as regras que eu te der e faça com que eu me sinta ridícula por ter feito esta lista. Você me traduz melhor do que eu me leio.

***Obs: Não me deixe saber que você obedeceu a alguma regra dessa lista, principalmente a de número 10.

3.8) ALFABETO FEMININO

Alice sente um vazio no peito e tenta preenchê-lo com próteses de silicone.

Bruna sente um vazio no peito e tenta preenchê-lo com carboidratos.

Carmem sente um vazio no peito e tenta preenchê-lo mexendo o tempo todo em seu iphone.

Dóroti tenta preenchê-lo com a presença de seus gatos.

Érica tenta preenchê-lo comendo chocolates.

Fabíola, transando com homens idiotas.

Gabriele, lendo Sócrates.

Helena tenta preenchê-lo com crises psicóticas.

Inês sente um vazio no peito, tenta preenchê-lo bebendo vodka até ficar de porre.

Janaína estourando o cheque especial.

Karen preenche o vazio no peito recitando clichês do tipo “a esperança é a última que morre”.

Luíza preenche o vazio do peito dizendo que é antissocial.

Elas se esforçam muito pra preencher o vazio no peito com algum sentido.

Pois sentir o vazio inteiro é parecido com a morte.

De A a Z, elas secretamente sabem que o vazio no peito não pode ser preenchido.

Mas pode ser contornado, com amor ou com sorte.

3.9) PALIATIVO

A menina nasceu sozinha. Quando criança, a sua fantasia era que tinha uma irmã gêmea e que num dia qualquer encontraria-a na rua, como quem encontra o próprio reflexo em um espelho. E então, não se sentiria mais só, teria a sua outra metade.

A menina tinha asma. Era o único exemplar em sua família com tal doença. Ela e somente ela, em sua convivência, sabia como era querer o ar para dentro de si e ser incapaz de aproveitar o ar, ainda que tivesse à disposição todo o oxigênio do mundo. A sua angústia da asma não era compartilhada. Nem a angústia da solidão.

Cresceu só. Suas células se multiplicavam em progressão geométrica, sua altura e peso aumentavam, tornava-se cada vez mais saudável, mas sentia que a sua outra metade nunca terminava de nascer. Estava sempre à espera.

Aprendeu a ler e escrever. Solidão maior, não havia. As coisas que lia, eram só dela. Os seus pensamentos lhe eram exclusivos. Os seus saberes a ninguém mais pertenciam, além dela mesma. Os seus sentimentos ninguém mais sentia, os seus devaneios, ninguém poderia saber. Tinha um mundo de segredos, quando tudo o que queria era compartilhar.

Ganhou curvas em um corpo de mulher, que ela não pedira. Era parabenizada por seu corpo crescido que agora sangrava, mas ela continuava sozinha ali dentro. As novas roupas que vestiam cobriam as suas antigas dores. Roupas e dores, exclusivamente suas. Para distrair, dividia o guarda-roupa com as amigas.

Apaixonou-se. O moço, que recebia amor platônico, sequer soube da paixão que ela lhe nutriu por algum tempo. Então, o coração da moça batia em dobro. Por ela e pelo moço. Mas a taquicardia era só dela, assim como a asma. Desapaixonou-se. Um dia, o seu coração cansou de bater pelo outro, que não a correspondia, por ingratidão ou ignorância. Voltou ao ritmo de coração solitário. Ela duvidou de seus sentimentos. Como tinha vivido aquela experiência sozinha, não havia quem lhe confirmasse que, de fato, aquele sentimento havia existido. Às vezes, achava que tinha inventado apenas mais uma história.

Apaixonou-se por outro rapaz. Soube que era correspondida em seu amor. E então, pensou que enfim, não estava só. Tinha um par de olhos brilhantes a testemunhar sua existência. Via-se não no espelho, mas no ponto de luz da retina dos olhos do rapaz que a olhava. Espelho mais fidedigno não havia. A sua taquicardia tinha, enfim, um guardião. Pôde, enfim, tomar ar em seus pulmões.

Foi então que descobriu que o rapaz não gostava exatamente das mesmas coisas que ela. Tinha uma doce ignorância acerca dos sentimentos que ela lhe contava. Estava só (não de novo, mas

ainda), com as suas roupas, com os seus pensamentos, com o seu corpo, com a sua asma, com o seu saber.

Às vezes, tinha taquicardia e era bom. Às vezes, sentia o corpo do amado como se fosse o dela, e era bom. E às vezes, a solidão lhe era boa companhia. Descobriu que viver não tem cura, o amor é paliativo.

POSFÁCIO

O que dizer diante dos poemas de amor de Ana Suy?

Talvez antes de seus versos escritos, tenha vindo seu desenho de letra na infância, bordado por olhares entrecruzados que se fizeram linhas, linhas de desejo... Mesmo sendo linhas pontilhadas pelo espaçamento do tempo entre ser sua professora na infância, e hoje, continuar ser sua aprendente sobre o amar, essas linhas teceram e sustentaram uma relação que se fez convite apaixonante de escrever o posfácio de seu segundo livro, endereçado a quem se enche e se esvazia pelo amor.

No ano em que fui sua professora, quando tinha 7 para 8 anos, seus cadernos foram encapados com plástico opaco, cheio de corações, sem a transparência perseguida pelos amantes, estando sempre cobertos e revestidos por possíveis entendimentos do amor. Tento encontrar sentido em memorizar por tanto tempo, além do traçado de sua letra, também a capa de seu caderno!

A cada linha e entrelinha sentidas, seus versos de amor desencaparam-me e fizeram-me seguir por um itinerário de compreensões e indagações sobre a nossa existência. A cada sentido encontrado, um vazio se fez cheio, e a cada desencontro,

esse mesmo cheio se fez vazio, sendo preservado e seguindo opaco, sem tanta transparência assim, como na capa de seu caderno da infância, que se abre agora para alguns desvendamentos, mesmo mantendo o mistério do que é amar.

“Não pise no meu vazio” é um convite a desvendar os versos de vida dos amantes, que na busca por compreender o que sentem, enchem-se, esvaziam-se e sustentam o incompreensível do amor, preservando e suportando o vazio necessário que move a vida na busca de sentidos.

Com uma linguagem simples e profunda, cotidiana e inédita, leve e marcante, pontilhada e bem contornada, os poemas de Ana Suy percorrem caminhos sobre o que preenche, o que esvazia e o que preenche e esvazia a alma ao mesmo tempo. Seus poemas podem saltar de capítulo durante a leitura. Não pisando ou não completando o vazio com razões sobre o que é amar, sua escrita desliza da ponta de uma estrela numa língua onírica, fazendo com que cada poema possa existir e ser sonhado ao encontrar o olhar de quem o lê com os olhos fechados.

Vazios indagados, localizados, identificados, nomeados, negados, endereçados, preenchidos, esburacados, perfurados, trançados, cheios, esvaziados, desejados, divididos, desconhecidos, vividos, reativados... tantos atributos indicados para esse imperativo: “Não

“Não pise no meu vazio!” A poética amante de Ana Suy marca sua escrita que sempre faz escapar o significado do que seja amar, deixando a existência inconformada e alegre ao brincar com múltiplos sentidos das palavras. Nas inúmeras tentativas de dizer o que não se consegue falar, a escrita de Ana Suy surge para que o amor possa ser lido nas entrelinhas de seus versos, feitos por uma letra constituída na infância.

Sua escrita poética começou numa letra de criança, traçada na caligrafia, moldada por afetos e linhas de vida que transformaram seus traços cheios, em letras vazadas, esburacadas, com espaços para a alma transbordar e invadir vazios. A alma desejosa sim, pode pisar nos vazios, pois marca sem ficar e permanecer. Ela escapa, ora está, ora se foi, buscando intervalos para sempre existir e amar! “Não pise no meu vazio” pode se transformar, por meio dessa leitura, na possibilidade de não pisar, mas caminhar no amor, indo ao encontro de alguns novos buracos para nascer, habitar e existir!

Danielle Barriquello*

*Professora dos sujeitos da infância, psicóloga na educação, coordenadora educacional dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Marista de Colégios. Especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem, marcada pelos estudos da Psicanálise.

Esta obra foi composta em Minion Pro em novembro de 2017 para a Editora Patuá.

Escrito cerca de 3 anos antes, “Não pise no meu vazio” só pôde se materializar quando sua autora já não se reconhecia mais naqueles textos. 2017 foi o ano em que aprendera na pele que escrever é perder.